



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

DANILLY DE SOUSA BEZERRA

**HIPERTEXTO COMO SUBSÍDIO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

CAJAZEIRAS - PB

2018

DANILLY DE SOUSA BEZERRA

**HIPERTEXTO COMO SUBSÍDIO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação para
obtenção do título de Licenciada em Letras.**

Orientadora: Profa. Dra. Fátima M^a Elias Ramos

CAJAZEIRAS - PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras – Paraíba

B574h Bezerra, Danilly de Sousa.
Hipertexto como subsídio metodológico para o ensino de língua portuguesa / Danilly de Sousa Bezerra. - Cajazeiras, 2018.
84f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Fátima M^a Elias Ramos.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Língua portuguesa - ensino. 2. Letramento digital. 3. Hipertexto. 4. Gêneros digitais. I. Ramos, Fátima M^a Elias. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP

CDU - 811.134.3

DANILLY DE SOUSA BEZERRA

**HIPERTEXTO COMO SUBSÍDIO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em: 14/12/2018

Banca Examinadora:

Fátima Maria Elias Ramos

Profa. Dra. Fátima Maria Elias Ramos
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)

Hérica Paiva Pereira

Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 1)

Letícia da Silva Gonzaga

Profa. Me. Letícia da Silva Gonzaga
(EEEFJG - Examinadora 2)

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Suplente)

*A Deus, meu guia e protetor diário;
Aos meus pais, que sempre almejavam este
momento juntamente comigo;
À minha irmã, Danielly, fonte de inspiração.*

PARA SEMPRE, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido a realização deste curso superior, dando-me saúde, coragem para enfrentar os obstáculos do dia a dia e o cansaço físico.

À minha mãe, de maneira especial, que sempre esteve ao meu lado em todo esse percurso, encorajando-me e fazendo o possível para manter-me na Universidade. A senhora é meu exemplo de luta, perseverança e amor.

Ao meu Pai, Augusto, por apoiar-me constantemente, para que eu chegasse a esta etapa de minha vida, incentivando-me e apoiando minhas escolhas.

À minha irmã, Danielly, por sempre me auxiliar nos momentos mais difíceis. Obrigada pelo incentivo, pela força e, principalmente, pelo carinho.

À minha avó, Cordulina, (*in memoriam*), por ter deixado um legado de lutas e vitórias, e pelos ensinamentos a mim repassados, os quais levarei para a vida.

Ao meu Avô, José (*in memoriam*), que, apesar de não o ter conhecido, foi um educador dedicado ao seu trabalho, um exemplo de inspiração a ser seguido.

À Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Formação de Professores, pela oportunidade de fazer o Curso de Letras.

À minha orientadora, Professora Doutora Fátima Maria Elias Ramos, por todas as orientações e ensinamentos, sobretudo por ser uma profissional responsável e competente, depositando-me confiança. Agradeço-lhe a dedicação, a disponibilidade e a paciência: uma excelente profissional, a qual tenho grande admiração e respeito.

Aos meus mestres, de forma geral, por todos os ensinamentos e pelas contribuições que foram tão importantes para minha formação acadêmica. A vocês, o meu muito obrigada!

À Professora Doutora Erlane Aguiar Feitosa de Freitas (Professora de TCC) pelo auxílio e por todos os ensinamentos.

À banca examinadora, à minha orientadora Professora Doutora Fátima Maria Elias Ramos, à Professora Doutora Hérica Paiva Pereira, à Professora Mestre Letícia da Silva Gonzaga e ao Professor Doutor José Wanderley Alves de Sousa, pelas observações e contribuições dadas ao trabalho.

Ao meu amigo, Matheus, pelas palavras de carinho e apoio diário.

Às minhas amigas e companheiras de curso que batalharam junto comigo para alcançarmos os nossos objetivos na Universidade: Jocimara, Mariana, Edinete, Karla, Natália, Andreza, Raquel e Vanessa. Levarei todas vocês dentro do coração. De maneira especial, gostaria de agradecer à minha amiga, Jocimara, por fazer parte comigo na realização dos

trabalhos acadêmicos e partilharmos muitos momentos especiais, os quais serão sempre lembrados.

Ao meu cunhado, Jocélio, pelas vezes que se dispôs a me ajudar quando precisei de transporte.

Aos servidores lotados no *Campus* de Cajazeiras, de maneira especial aos que fazem parte da Coordenação do Curso de Letras por toda disponibilidade e assistência.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa tão importante em minha vida.

“A linguagem é uma das faculdades mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais e a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano.”

(MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p.11)

RESUMO

No Brasil, o ensino de Língua Portuguesa tem recebido várias críticas, principalmente, em relação aos procedimentos metodológicos utilizados, e isto é comprovado mediante as taxas de analfabetismo funcional que ainda são alarmantes em nosso país. Os alunos saem da escola com *déficit*, no que diz respeito à leitura, à escrita e à interpretação textual, talvez, isto aconteça pelo fato dos professores não fazerem uso dos gêneros textuais/ discursivos de maneira pertinente, bem como dos digitais para inovar e aprimorar o ensino. Assim, a presente pesquisa objetivou evidenciar a importância dos educadores trabalharem com o gênero hipertexto no ensino fundamental II, como também explicitar as opiniões dos professores, no que diz respeito ao ensino dos gêneros digitais em sala de aula; além de conhecer as opiniões dos alunos desse nível escolar sobre a aplicação desses gêneros nas aulas de língua materna e, em seguida, propor uma sequência didática para professores que desejarem contemplar os gêneros digitais em suas aulas, em especial, o hipertexto. Para a obtenção dos dados, aplicou-se dois questionários: um para os professores da respectiva área, e outro para os alunos que aceitaram participar voluntariamente e que apresentaram anuência (assinatura do TCLE) pelos pais ou responsáveis. A pesquisa foi realizada em uma Escola da Rede Estadual de São João do Rio do Peixe – PB. Os resultados obtidos indicam que educadores e alunos veem essa ferramenta de forma positiva para aprimorar o ensino, principalmente por ser algo inovador, e isto contribuirá para ampliar a competência comunicativa dos alunos e motivá-los a participarem mais das aulas, como também servirá de mecanismo para aperfeiçoar a relação entre professor e aluno dentro do contexto da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Letramento Digital. Hipertexto.

ABSTRACT

In Brazil, Portuguese Language teaching has received various criticisms, mainly relating to the methodological procedures used in it, and this is evidenced by the rates of functional illiteracy that are still alarming in our country. Students leave school with a deficit in reading, writing and textual interpretation, perhaps because teachers do not use textual/discursive genres in a relevant way, as well as digital ones to innovate and improve the education. Thus, the present research aimed to highlight the importance of educators working with the genre hypertext in Elementary Education II, as well as to explain the opinions of teachers, regarding the teaching of digital genres in the classroom; in addition to knowing the opinions of the students of this school level on the application of digital genres in the mother language classes and then proposing a didactic sequence for teachers who wish to contemplate the digital genres in their classes, especially the hypertext. To obtain the data, two questionnaires were applied: one for the teachers in the respective area, and the other for the students who agreed to participate voluntarily and who presented their consent (signature of the TCLE) by the parents or guardians. The research was carried out in a school of the State of São João do Rio do Peixe – PB. The results indicate that educators and students see this tool in a positive way to improve teaching, mainly because it is something innovative, and this will contribute to increase the students' communicative competence and motivate them to participate more in the classes, as well as serve as a mechanism to improve the teacher-student relationship within the context of the classroom.

Keywords: Teaching. Learning. Digital Literacy. Hypertext.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Escola Estadual de Ensino Fundamental de Bandarra.....	16
Figura 2	- Criação do hipertexto (Passo 1).....	59
Figura 3	- Criação do hipertexto (Passo 2).....	60
Figura 4	- Criação do hipertexto (Versão final).....	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	- Referente à questão 5.....	40
Gráfico 2	- Referente à questão 6.....	41
Gráfico 3	- Referente à questão 7.....	42
Gráfico 4	- Referente à questão 8.....	43
Gráfico 5	- Referente à questão 10.....	44
Gráfico 6	- Referente à questão 11.....	45
Gráfico 7	- Referente à questão 12.....	46
Gráfico 8	- Referente à questão 13.....	47
Gráfico 9	- Referente à questão 14.....	49
Gráfico 10	- Referente à questão 15.....	50
Gráfico 11	- Referente à questão 16.....	51
Gráfico 12	- Referente à questão 17.....	52
Gráfico 13	- Referente à questão 18.....	54
Gráfico 14	- Referente à questão 19.....	54

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AVAs	Ambientes Virtuais de Aprendizagem
BIOE	Banco Internacional de Objetos Educativos
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CFP	Centro de Formação de Professores
EEEFJG	Escola Estadual de Ensino Fundamental Jovelina Gomes
EEEFMB	Escola Estadual de Educação Fundamental e Médio de Bandarra
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IFPB	Instituto Federal da Paraíba
LD	Livro Didático
LP	Língua Portuguesa
OVAs	Objetos Virtuais de Aprendizagem
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
ROAR	Registry of Open Access Repositories
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDICs	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 METODOLOGIA.....	14
1.1.1 Caracterização da área de estudo.....	15
1.1.2 Classificação da pesquisa	16
1.1.3 Sujeitos envolvidos na pesquisa	17
1.1.4 População, amostra e amostragem.....	17
1.1.5 Instrumento de coleta de dados	17
1.1.6 Procedimentos de análise do corpus	18
2 GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS E ENSINO	19
2.1 PERCURSO HISTÓRICO SOBRE OS GÊNEROS.....	19
2.1.1 Contemporaneidade e gêneros digitais na escola	22
2.2 INCLUSÃO DOS AMBIENTES DIGITAIS PARA O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM.....	25
2.3 GÊNEROS DIGITAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	29
2.4 DESAFIOS DOS DOCENTES AO ABORDAREM OS GÊNEROS DIGITAIS	32
2.5 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO HIPERTEXTO.....	34
2.5.1 Hipertexto como instrumento metodológico nas aulas de língua materna.....	36
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: APLICAÇÃO DO HIPERTEXTO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	56
5 CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE	71
APÊNDICE A – Questionário direcionado aos professores	72
APÊNDICE B – Questionário direcionado aos alunos	75
Anexo A – Declaração de aprovação do Projeto no Comitê de Ética em Pesquisa	78
Anexo B – Poema Diversidade	81

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a sociedade a qual estamos inseridos está sempre em processo de desenvolvimento, e as pessoas, por sua vez, estão constantemente à procura de praticidade na concretização de tarefas, principalmente no que diz respeito à comunicação umas com as outras. São nas práticas sociais que os gêneros, sejam eles textuais, discursivos ou digitais estão presentes para facilitar a interlocução entre os sujeitos. No contexto escolar, esse desenvolvimento tem ocorrido em diversos aspectos, especialmente, no que tange aos meios tecnológicos, os quais têm interferido muito dentro da sala de aula.

É do conhecimento de muitos que, durante largos anos, o ensino de Língua Portuguesa, doravante LP, foi lecionado de forma descontextualizada, inicialmente pelo fato de os professores não terem tido uma boa formação, além disso, muitos não seguiram as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que os norteavam a ensinarem baseados nos gêneros discursivos voltados à realidade sociocultural do aluno (BRASIL, 2001). Ainda hoje, percebemos que práticas pedagógicas tradicionais prevalecem, por exemplo, muitos educadores insistem no ensino baseado em fragmentos de textos, levando em consideração apenas os aspectos gramaticais da língua; e isto se deve ao fato de alguns normalmente se basearem apenas no Livro Didático (LD) como ferramenta metodológica, e não fazerem uso de outros instrumentos, como é o caso dos gêneros digitais que podem ser empregados para aperfeiçoar o ensino de LP.

Por isto, a inserção dos gêneros digitais dentro do contexto da sala de aula é uma alternativa que tem ganhado respaldo entre os futuros profissionais da educação e entre muitos que já atuam na área de LP, especialmente por se tratar de algo que já faz parte da rotina extraescolar dos alunos, por esse motivo poderão ser bem vistos aos olhos dos educandos e obter êxito em sala de aula. Como exemplo de gêneros digitais, temos o hipertexto, que é o tema central desta pesquisa.

Todavia, o que tem sido observado, é que o trabalho com os gêneros digitais ainda é visto com certo distanciamento por alguns professores da área de língua materna, sobretudo quando os próprios não estão qualificados para inseri-los nas aulas como subsídio metodológico. Ou por não saber manusear os equipamentos tecnológicos ou por falta de interesse pessoal é que os professores acabam perdendo a oportunidade de envolver os discentes em suas aulas; uma vez que é incontestável que os alunos se sentem muito mais instigados a participarem das aulas quando veem algo novo. Por outro lado, há muitos professores recém-formados ou que fizeram uma formação continuada para saber lidar com

essas novas ferramentas digitais que acatarão o uso desse instrumento em sala de aula, por acreditarem que os discentes se sentem mais instigados e entusiasmados com esse novo tipo de letramento.

Daí, a implantação do hipertexto nas aulas de LP poderá trazer várias vantagens tanto para o professor quanto para o aluno, posto que ao utilizá-lo é possível trabalhar leitura, escrita e interpretação textual dos discentes; pois o mesmo possibilita que o texto ganhe vários sentidos, além de resultar no aperfeiçoamento do professor com esse novo gênero digital, bem como melhorar a interação dentro da sala de aula aproximando a relação professor/aluno.

Neste sentido, evidenciamos a importância do gênero digital hipertexto ser utilizado nas aulas com o objetivo de aprimorar o ensino de LP no fundamental II, bem como mostrar os benefícios que este pode trazer para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, além de expandir o gosto destes pela leitura. Segundo Marcuschi (2001), o hipertexto pode ser visto como um novo espaço de escrita, onde os alunos interagem com o texto *online* e tiram suas próprias conclusões acerca do mesmo. O autor ainda enfatiza a principal diferença entre o texto impresso e o texto digital, ressaltando que aquele não oferece outras possibilidades de leitura fora àquela impressa, já o digital, por não ser linear, possibilita ao leitor diversas opções de leitura e interpretações.

É importante lembrar que se houvesse uma participação maior das instituições de ensino, no que diz respeito à inserção do hipertexto na sala de aula, provavelmente, os resultados sucederiam de forma favorável. Pois quando a escola é participativa e acata novos métodos de ensino, há maiores probabilidades de a educação avançar, como também dos conhecimentos dos alunos se ampliarem frente às novas tecnologias da sociedade contemporânea.

Quanto aos alunos, possivelmente avaliarão essa ferramenta de forma positiva para aprimorar o ensino, principalmente por ser algo inovador, contribuindo, desse modo, para motivá-los a participarem mais das aulas, assim também servirá como mecanismo para aperfeiçoar a relação entre professor e aluno dentro do contexto da sala de aula.

Assim, a nossa pesquisa teve como principal objetivo evidenciar a importância dos educadores trabalharem com o gênero hipertexto no ensino fundamental II, bem como explicitar as opiniões dos professores, no que diz respeito ao ensino dos gêneros digitais em sala de aula, como também conhecer as opiniões dos alunos do ensino fundamental II sobre a aplicação dos gêneros digitais nas aulas de língua materna, e por fim propor uma sequência didática para os professores trabalharem com o hipertexto nas aulas de Língua Portuguesa.

Nesta perspectiva, esta pesquisa é pertinente, pois além de mostrar as opiniões dos professores e dos alunos, no que tange ao uso de novas ferramentas para o ensino de língua materna, dará oportunidade aos educadores que desejarem incluir esse instrumento em sala de aula aprenderem como introduzi-lo, já que contarão com uma sequência didática ao longo do trabalho.

Desta forma, a presente pesquisa procurou responder aos seguintes questionamentos: Quais os principais desafios que os professores de LP enfrentam com a implantação dos gêneros digitais em sala de aula? Será que as escolas colaboram para a inserção dos gêneros digitais como uma nova ferramenta no processo de ensino e de aprendizagem? E os alunos, será que avaliam adequadamente esse instrumento e contribuem com o professor, para que haja resultados positivos na construção do conhecimento?

Quanto à fundamentação teórica, dialogamos com vários autores, em especial, aqueles que abordam os temas voltados para os gêneros textuais ou discursivos; a inserção dos gêneros digitais e suas contribuições para o ensino de língua materna e os ambientes digitais que podem servir de subsídio para a sala de aula, são eles: Marcuschi (2001, 2002, 2005, 2008, 2010), Bakhtin (1979), Barcelos (2015), Braga (2013), Gomes (2011), Xavier (2013), entre outros autores.

No que diz respeito à elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), este está estruturado em cinco capítulos: introdução, fundamentação teórica, resultados e discussões, proposta didático-metodológica e conclusões.

1.1 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada no período de 20 de outubro de 2017 a 30 de novembro de 2018, obedecendo às diretrizes da resolução do conselho nacional de saúde 196/96 versão 2012 que assegura os aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos que devem atender às exigências éticas e científicas fundamentais (BRASIL, 2012).

Quanto aos fundamentos teóricos metodológicos baseamo-nos nos seguintes autores: Brasil (2012), Chizzotti (2003), Gerhardt e Silveira (2009), Lakatos e Marconi (2003) e Voese (2004).

1.1.1 Caracterização da área de estudo

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Bandarra (EEEFMB), no ano de 2018. É um estabelecimento de ensino situado no Distrito de Bandarra, Zona Rural, do município de São João do Rio do Peixe, Estado da Paraíba, o qual oferece os níveis e modalidades de ensino: ensino fundamental II, ensino médio e educação de jovens e adultos (Figura 1).

É administrada pela Gestora Ada Quézia de Lima Soares Alves que possui Licenciatura Plena em Letras e Pedagógica, e pela Coordenadora Pedagógica Marismene Gley Oliveira de Sousa que possui Licenciatura em Pedagogia e especializações em Psicopedagogia e Docência ao ensino superior.

Para aperfeiçoar os níveis de ensino disponíveis a escola possui em seu quadro 16 professores, todos possuem nível superior e alguns possuem especialização, nesse quadro estão presentes professores Efetivos e Contratados. Quanto ao ensino de Língua Portuguesa, a escola conta com três professores.

A instituição de ensino apresenta uma área construída de 100 metros quadrados e não possui área livre. Localizada na zona rural é uma escola de médio porte, mas que não dispõe de todos os espaços físicos necessários ao bom funcionamento de uma Instituição de ensino. Ela é constituída por quatro salas de aula com boa iluminação, uma diretoria, uma cozinha, uma sala de recursos multifuncionais (pequena), dois depósitos pequenos e insuficientes para o armazenamento adequado da alimentação escolar e dos materiais de limpeza e didático existentes na escola, três banheiros, uma biblioteca e um rol de entrada, um auditório, uma cantina, um almoxarifado, e uma sala de assessoria de educação especial, não havendo refeitório, sala de professores, laboratório de informática e outras dependências necessárias.

Figura 1- Escola Estadual de Ensino Fundamental de Bandarra



Fonte: Pesquisa (2018).

1.1.2 Classificação da pesquisa

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, uma vez que, ao longo da pesquisa, para a obtenção dos dados foram feitas indagações e reflexões acerca da temática. Segundo Chizzotti (2003, p. 2), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível [...]”. No que se refere à natureza da pesquisa, esta é do tipo aplicada, já que fomos até o ambiente escolar, a fim de obter os resultados, e segundo Gerhardt e Silveira (2009), esse tipo de pesquisa implica observações numa determinada localidade com o objetivo de gerar conhecimentos e averiguar soluções para determinados problemas. Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva. E quanto aos procedimentos técnicos, refere-se a um levantamento, tendo em vista que utilizamos o questionário, sendo este direcionado aos alunos e professores, para averiguar se aqueles têm alguma noção do que são os gêneros digitais e da sua importância para o processo de ensino e de aprendizagem dentro do contexto escolar, assim como informar-nos acerca da opinião dos docentes em relação a essa nova ferramenta metodológica. Os dados coletados foram transcritos de acordo com as respostas

dos alunos e docentes e, posteriormente, quantificados em forma de gráficos. Conforme Lakatos e Marconi (2003), os gráficos como forma de representação de dados são bons instrumentos, pois facilitam a compreensão do leitor, uma vez que são claros e permitem uma descrição imediata do fenômeno que está sendo analisado.

1.1.3 Sujeitos envolvidos na pesquisa

A pesquisa foi realizada com alunos do fundamental II da EEEFMB e professores dessa localidade de ensino. Dentre os alunos, 15 eram do sexo masculino e 15 do sexo feminino e encontravam-se na faixa etária entre 12 a 16 anos. Com relação aos professores, as três eram do sexo feminino, com as seguintes idades: 28, 37 e 55 anos. Participaram do questionário, os alunos das turmas que desejaram contribuir de maneira voluntária. Vale lembrar que os discentes não tiveram sua identidade revelada. Para participar da pesquisa, os pais ou responsáveis pelos alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo em vista que, normalmente, os alunos pertencentes a essa modalidade de ensino são menores de idade, e os mesmos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Os riscos eram mínimos: desconforto em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que possa se sentir incômodo em falar. Como medida mitigadora, o sujeito da pesquisa não precisa responder a qualquer pergunta, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em respondê-la. Os benefícios da pesquisa foram: potencializar os processos de construção do conhecimento referentes à área de língua materna no ensino fundamental II, possibilitando uma problematização e redimensionalização no ensino da área na respectiva escola.

1.1.4 População, amostra e amostragem

Foram convidados alunos do ensino fundamental II da escola supramencionada, e também professores da área de LP. Ao todo responderam o questionário trinta e três (33) pessoas, sendo trinta (30) alunos e três (03) professoras.

1.1.5 Instrumento de coleta de dados

Como instrumento para a coleta de dados, empregamos o questionário. O mesmo continha questões discursivas e objetivas, possibilitando alcançar o objetivo desta

investigação, que teve como foco averiguar se os alunos têm contato com os gêneros digitais em sala de aula, caso tenham ou não, o que eles pensam a respeito dessa ferramenta metodológica; do mesmo modo conhecer o posicionamento dos educadores diante de tal instrumento. Dessa forma, aplicamos dois tipos de questionários, os quais contaram com dez (10) questões: um voltado para os professores da área de LP, e outro direcionado para os discentes do ensino fundamental II da EEEFMB.

1.1.6 Procedimentos de análise do corpus

Após a aplicação dos questionários, os dados foram categorizados de acordo com as respostas dos professores e dos discentes. Para cada questão do questionário, as respostas foram separadas em grupos semelhantes e, posteriormente, atribuímos títulos para cada agrupamento. Em seguida, foram feitos percentuais para cada grupo e escolhidas as respostas que melhor representaram as categorias adotadas. Os resultados desses dados foram visualizados em gráficos durante a análise. As categorias de análise estiveram voltadas para o discurso dos alunos e dos professores em relação à inclusão ou não dos gêneros digitais em sala de aula. Para isso, dividimos as respostas dos sujeitos participantes da pesquisa em dois grupos distintos: o primeiro constituído pelas respostas dos professores e o segundo pelas respostas dos discentes. Para o primeiro grupo, adotamos as seguintes categorias: a utilização ou não dos gêneros textuais/digitais nas aulas de LP; suas opiniões em relação à aplicação das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs); o ensino de LP; e os principais desafios enfrentados pelos professores de língua materna, no que diz respeito à inserção dos gêneros digitais em sala de aula. Para o segundo grupo, empregamos tais categorias: o ensino de LP; a aplicabilidade dos gêneros digitais em sala de aula; a forma como os gêneros digitais são tratados na escola; e suas opiniões sobre as TICs, pois, segundo Voese (2004), para analisar o discurso de alguém ou de um grupo é necessário que utilizemos dois pares de procedimentos de análise: o primeiro voltado para aquilo que foi dito e que envolve as diferenças e as contradições acerca de um tema pela visão dos sujeitos analisados; e o segundo que está atrelado ao modo de dizer, ou seja, “[...] descrever pistas da polifonia que caracteriza o discurso e interpretar as escolhas do enunciante como pistas de seu lugar de enunciação” (VOESE, 2004, p. 112).

2 GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS E ENSINO

Inicialmente, neste capítulo, veremos alguns pontos acerca do trajeto histórico dos gêneros, desde o seu surgimento com Aristóteles até os dias atuais. Ressaltaremos a importância dos gêneros digitais como ferramentas metodológicas. Citaremos algumas plataformas digitais que podem ser inseridas no contexto educacional. Em seguida, destacaremos alguns desafios dos docentes ao abordarem os gêneros digitais. Por fim, faremos uma breve contextualização do hipertexto, mostrando sua relevância como instrumento de inovação para beneficiar o ensino de LP.

2.1 PERCURSO HISTÓRICO SOBRE OS GÊNEROS

Ao discutir questões voltadas ao surgimento dos gêneros e sua evolução no decorrer do tempo, é necessário explicitarmos o seu trajeto histórico, bem como sua importância para a sociedade a qual estamos inseridos. Acerca disto, Marcuschi (2002) ressalta que as primeiras manifestações mediante a temática sucederam de maneira oral; uma vez que os textos eram repassados de cultura em cultura por meio da língua falada. Nessa época como não existia a escrita, as pessoas se comunicavam oralmente, e não havia uma preocupação de como a língua era articulada, pelo fato desses povos não conhecerem os símbolos alfabéticos e muito menos as regras de sistematização impostas pela gramática normativa.

Neste contexto de prevalência dos gêneros orais, não podemos nos esquecer dos sofistas, pensadores gregos, que segundo Zavam e Araújo (2008, p. 7) “[...] exerciam o ensino da arte de argumentar – a retórica – de forma profissional e remunerada”. Os sofistas eram tidos como professores do discurso, uma vez que ensinavam aos demais como se pronunciar em público, conseguindo assim, convencer os seus interlocutores por meio de uma linguagem “enfeitada”.

No entanto, de acordo com Aristóteles (2005), a retórica não se resume a isto e foi a partir das contribuições desse autor que a mesma sofreu transformações ao longo dos anos, deixando de ser vista como um simples discurso eloquente e passando a ser concebida como uma ciência hermenêutica da interpretação. Assim, as pessoas mais experientes auxiliavam aquelas que eram desprovidas da capacidade de persuadir a conseguirem tal habilidade.

Ao aprofundar o seu estudo sobre a retórica, Aristóteles (2005) passou a reconhecer três tipos de discursos: judicial ou forense, demonstrativo ou epidíctico e deliberativo ou político. Ressaltando que, o primeiro tem por objetivo manifestar a legitimidade ou não de

algo; o segundo eleva ou reprova algo, tencionando expor a virtude ou defeito de uma pessoa ou coisa, e o terceiro visa mostrar a conveniência ou inconveniência de determinada conduta.

Portanto, os gêneros retóricos ocupam um lugar de destaque na área filosófica, para que possamos entender o percurso histórico da temática em estudo, além de nos ajudar a compreender melhor o uso da capacidade persuasiva do enunciador nos discursos, que abrange diversos campos, auxiliando-nos a perceber se os argumentos são verdadeiros ou não, entre outras premissas que estão por trás de qualquer enunciado.

Além disto, é importante salientar que a palavra gênero está relacionada também com a literatura, uma vez que Aristóteles dividiu os gêneros literários, quanto à forma em verso e prosa, e quanto ao conteúdo em lírico, épico e dramático. Por isto, nesta área, contamos com três gêneros: o dramático, o lírico e o épico (ARISTÓTELES, 2005).

Com o advento do alfabeto, os gêneros passaram a ser proferidos também por meio da escrita, surgindo assim diversos tipos, como exemplo, temos o bilhete e a carta. A partir de então se passou a ter uma atenção maior com os textos escritos, e as escolas, por sua vez, passaram a dar maior ênfase a estes textos, deixando em segundo plano os gêneros orais.

Ao mencionar a carta e o bilhete, é importante salientar que tais gêneros, assim como os mitos, também sofreram transformações ao longo do tempo de acordo com as necessidades das pessoas e também devido aos avanços tecnológicos. Tomando como base os gêneros apontados acima, dispomos dos mesmos atualmente numa adaptação virtual, manifestando-se como o *e-mail* e o *chat*, os quais vieram para aprimorar a comunicação entre os indivíduos de forma mais rápida e imediata, principalmente daqueles que habitam em lugares distintos.

Ao refletir sobre a questão dos gêneros, é primordial que não nos esqueçamos dos estudos relevantes de Bakhtin (2003), que se ocupa dos gêneros discursivos e, em sua obra *Estética da Criação Verbal*, os conceituam da seguinte maneira:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [...]. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 261).

De acordo com o autor, os gêneros são heterogêneos e flexíveis, portanto, estão sujeitos a mudanças com o passar dos anos, podendo alterar-se, bem como receber influências de novos suportes. Além dessa abordagem, Bakhtin (2003) distingue os gêneros em primários

e secundários; aqueles, geralmente, são os proferidos na fala, utilizados no dia a dia do falante, portanto, mais simples, como o bilhete, a carta e a receita culinária; os secundários, ideologicamente, são mais complexos e, usualmente, são os textos escritos, por isto tendem a seguir um nível de formalidade maior que aqueles articulados por meio da oralidade, por exemplo, os romances e as pesquisas científicas. Acrescenta ainda que é preciso considerar a natureza destes textos, e quando articulados oralmente, é necessário que algumas exigências sejam respeitadas; porém é evidente que na fala essas premissas são menores quando comparadas com a língua escrita. Tanto os primários como os secundários refletem a individualidade do falante; no entanto, essa individualidade apresenta-se mais marcante nos gêneros literários, em que o estilo individual integra o gênero. Os gêneros que requerem maior formalidade, como os documentos oficiais, quase não apresentam essa particularidade.

Bakhtin (2001) leva em consideração as condições sócio-históricas e culturais de produção da linguagem, por isto é importante, antes de tudo, conhecer o contexto histórico o qual os gêneros foram expressos, para que os leitores possam compreender os propósitos comunicativos e o público alvo para quem aquele gênero foi ou está sendo dirigido; principalmente quando se trata de gêneros da esfera jornalística, como também do campo referente à vida pública.

Segundo Zavam e Araújo (2008), ainda hoje existe certa confusão com relação à distinção entre as tipologias textuais e os gêneros textuais, e quando se fala em gênero, é comum em sala de aula, os alunos logo associarem a palavra com a tradicional tríade: narração, dissertação e descrição. As autoras acrescentam que esta ambiguidade acontece devido à forma como o ensino de LP foi e ainda continua sendo ministrado em algumas instituições de ensino, especialmente quando a aula está voltada para produção textual. Isto pode ser verificado no momento que alguns professores fazem a solicitação de uma atividade escrita, visto que boa parte deles ao convocar tal exercício, apenas pedem aos alunos que façam um “texto”, sem ao menos explicitar o nome, a função sócio-histórica e os propósitos comunicativos. É importante mostrar aos discentes, antes de tudo, que todo gênero tem um nome, uma finalidade e uma estrutura típica.

Conforme Biasi-Rodrigues et al. (2009), as teorias mais recentes mostram que essa classificação triádica não dá conta das diferentes práticas sociais através da linguagem, tendo em vista que não contempla os inúmeros gêneros textuais, mas apenas modalidades ou formas de organizar as informações nos mais variados gêneros.

Não podemos nos esquecer, que apesar de alguns professores, muitas vezes, não darem a importância devida para este trabalho em sala, há educadores preocupados com a

aprendizagem dos discentes e sentem-se responsáveis de levar para o ambiente escolar uma diversidade de gêneros que se adequam a cada nível de ensino, bem como ao grau de compreensão da turma. É imprescindível mostrar aos alunos que todas as nossas ações e interações como ser social dão-se por meio de gêneros e estes, por sua vez, precisam ser ensinados de maneira correta.

Nesta perspectiva, de acordo com os PCN (2001) esperamos que os alunos, a partir do uso dos gêneros, possam desenvolver a oralidade e a escrita em situações reais e com finalidades claras; saibam associar o lugar social em que um texto foi escrito, o público alvo, o propósito ou intenção do autor, assim como escolher quais gêneros são mais adequados para a produção textual. É fundamental que esses gêneros sejam compreendidos também nas dimensões pragmática, semântica e gramatical.

Nessa direção, Aldrigue (2010) propõe algumas atividades de leitura e escrita, utilizando-se de gêneros que incentivam o desenvolvimento da oralidade, bem como o processo de produção textual, no ensino fundamental, entre elas o debate. Ao fazer uso deste gênero, o professor pode levar textos polêmicos atuais e que façam parte da realidade social dos alunos. Assim, os discentes se sentirão mais à vontade para debater, exercitando a oralidade e tornando-se seres ativos, e não apenas receptores que apenas escutam e não expressam opinião. Além do debate temos uma diversidade de outros gêneros que são relevantes para incentivar a evolução dos alunos, por exemplo o conto literário, o anúncio publicitário, a receita culinária etc..

2.1.1 Contemporaneidade e gêneros digitais na escola

Na sociedade atual, as pessoas buscam cada dia mais praticidade no que diz respeito à comunicação umas com as outras e, com isso, nos deparamos com o surgimento de diversos gêneros digitais, os quais vêm vestindo uma nova roupagem e, conseqüentemente, maiores aperfeiçoamentos. Foi-se o tempo em que era necessário um contato face a face, para que houvesse a conversação entre as pessoas. Hoje em dia, como forma de aproximação, possuímos os mais variados gêneros modernos, como os gifs, os memes e os emotions.

Um dos meios mais recorrentes utilizados numa época não tão distante para aproximar os indivíduos era a carta, a qual já foi mencionada anteriormente. Com os avanços tecnológicos, a carta deixou de ter apenas o formato de papel impresso para manifestar-se como meio eletrônico, facilitando demasiadamente a vida de todos. Dessa forma, percebemos que os gêneros variam muito e ajustam-se de acordo com as necessidades dos usuários, pois

segundo Marcuschi (2005), os gêneros são inúmeros e, mesmo que não possamos contá-los, é possível observar que eles possuem peculiaridades que nos permitem reconhecê-los entre tantos outros.

Além de nos auxiliar de forma mais rápida no dia a dia, facilitando a interlocução entre as pessoas, os gêneros digitais podem amparar o professor em sala, conseguindo, quem sabe, prender com maior aptidão a concentração dos alunos, fazendo com que o educador consiga ministrar uma aula de forma mais eficaz. Esses gêneros são de fácil acesso e comuns ao cotidiano de muitas pessoas, estando presentes, por exemplo, nas redes sociais: *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, etc., um dos motivos pelos quais os alunos, talvez, se sintam mais atraídos e entusiasmados é justamente o fato destas plataformas digitais fazerem parte de seu cotidiano. Ao estarem familiarizados com estes ambientes é possível que os discentes não sintam tanta dificuldade ao deparar-se com muitos dos gêneros que circulam em tais esferas, e o desinteresse por parte dos educandos, quem sabe, seja amenizado.

Acerca das redes sociais, Braga (2013) salienta que é interessante o educador utilizar o *Facebook* em suas práticas pedagógicas, pois o mesmo apresenta muitas vantagens, haja vista que:

Primeiro o professor pode navegar nesse ambiente para fazer diagnósticos mais precisos sobre o interesse e conhecimento prévio de seus alunos. Todos os alunos que participam dessa rede possuem um perfil no ambiente e ele não é apenas descritivo, mas também é definido pelos conteúdos que cada usuário compartilha. Esses dados podem ajudar o professor na definição do foco e da natureza das tarefas que pretende desenvolver em sala de aula (BRAGA, 2013, p. 121).

Neste sentido, as redes sociais auxiliam o professor a descobrir as preferências de seus alunos, além de ser um espaço para a criação de grupos da turma, no qual tanto o educador quanto os alunos possam compartilhar seus materiais de estudos e seus *links* de conteúdos que acharem relevantes. A autora acrescenta que, talvez, nem todos os discentes tenham uma conta no *Facebook*, caso isto aconteça, o *blog* é também uma ótima solução para que haja esse engajamento de ideias e compartilhamento de materiais didáticos.

Com a propagação dos gêneros digitais, a escola ganhou uma responsabilidade maior, que é tratar da hipertextualidade. No entanto, isto pode ser visto como algo mais positivo do que negativo, já que os professores podem fazer uso de diferentes ferramentas para inovar a aula, deixando-a mais dinâmica e interativa. Com a força da dimensão digital, os textos ganharam um novo aliado, o texto multimodal, o qual mistura além da linguagem escrita, a

linguagem representada por meio de vídeos, desenhos, gráficos, fotografias, músicas, entre outros símbolos semióticos (ROJO, 2010).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é tarefa da escola adequar o ensino frente às TICs, pois não podemos deixar de lado estas novas ferramentas que podem somar de maneira satisfatória para o ensino, quando usadas, claramente, com as finalidades adequadas (BRASIL, 2017). É fundamental oportunizar aos alunos situações significativas de linguagem, fazendo uso de gêneros relevantes ligados à vida cotidiana dos discentes.

Com relação ao ensino fundamental, Brasil (2017) orienta aos professores acerca dos conteúdos que devem ser ministrados nos anos iniciais (1º ao 5º ano) e nos anos finais (6º ao 9º ano) e das habilidades que os discentes devem desenvolver em cada ciclo. Nos anos iniciais, por exemplo, devem:

Compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas (outros sistemas de representação); Dominar as convenções gráficas (letras maiúsculas e minúsculas, cursiva e script); Conhecer o alfabeto; Compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita; Dominar as relações entre grafemas e fonemas; Saber decodificar palavras e textos escritos; Saber ler, reconhecendo globalmente as palavras; Ampliar a sacada do olhar para porções maiores de texto que meras palavras, desenvolvendo assim fluência e rapidez de leitura (fatiamento) (BRASIL, 2017, p. 89).

Nos anos finais, os alunos já terão um contato maior com os gêneros que circulam na esfera pública e nos campos jornalístico-midiáticos, e suas habilidades serão ampliadas, de acordo com o gênero em estudo. Nesta etapa, os conhecimentos sobre a língua, sobre as demais semioses e sobre a norma-padrão se articulam aos demais eixos em que se organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de LP. Dessa forma, as abordagens linguísticas, metalinguísticas e reflexivas ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos da leitura, da escrita ou da oralidade.

Sendo assim, a BNCC (2017) possibilita aos professores um trabalho sistematizado com os gêneros textuais, discursivos e também com os digitais, desde os anos iniciais aos anos finais e, para isso, segue as orientações de Bakhtin (2003), quando o autor sugere que os educadores saibam separar os gêneros mais adequados para cada nível de ensino.

De acordo com Marcuschi (2010), há diversos gêneros digitais que têm muito a contribuir na vida das pessoas, entre eles estão: o *e-mail*, a aula-*chat*, a videoconferência interativa, a lista de discussão, o endereço eletrônico, a entrevista com convidado, entre tantos outros. Diante de tantas alternativas convenientes, por que não fazer uso delas em sala de aula? Tendo em vista que estes instrumentos estão cada dia mais próximos dos alunos e estes, por sua vez, possivelmente avaliam tais ferramentas de maneira otimista.

Rajo e Barbosa (2015) na obra *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos* sugerem algumas atividades, nas quais o professor pode tratar da contemporaneidade na escola, abordando os gêneros digitais e organizando-os por esfera de circulação dos discursos: *fanclipe*, *blog*, crônica visual, documentário, fotorreportagem, álbum noticioso, *meme*, *charge* digital, jornal televisivo, entre tantas outras possibilidades.

Já de acordo com Braga (2013), ainda que esse progresso tecnológico e a difusão da *internet* pareçam de início temido e assustador para alguns educadores, na verdade, a tecnologia é uma forma de ampliar o prosseguimento de mudanças nas práticas de letramento nas escolas que já deveriam ter acontecido. Se pararmos para pensar, essas novas habilidades de letramento, quando comparadas com o desenvolvimento tecnológico na época em que se deu, efetivamente, as escolas estão, de certa forma, atrasadas, tendo em vista que esse crescimento vem ocorrendo há anos.

2.2 INCLUSÃO DOS AMBIENTES DIGITAIS PARA O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

O ensino de LP é uma área muito ampla e necessita de profissionais competentes, responsáveis e comprometidos com o ato de lecionar, porém, o que ainda observamos é uma defasagem tanto por parte do profissional, que muitas vezes não dispõe de metodologias didáticas e atrativas que instiguem os discentes, como também do material ofertado para o ensino, que, em geral, é descontextualizado e fora da realidade sociocultural do aluno. No entanto, se o ensino atual for comparado com o de há alguns anos, percebemos que, outrora, nas escolas, havia mais carência com relação a diferentes tipos de materiais didáticos, e o professor só tinha como ferramenta metodológica o LD, tendo que se prender exclusivamente a ele.

Hoje, com as evoluções tecnológicas, o educador passou a ter acesso a uma grande diversidade de materiais didáticos direcionados ao ensino, disponibilizados na *internet*; vale ressaltar que esta ferramenta é vista como uma grande aliada do professor, auxiliando-o no processo de ensino e da aprendizagem dos discentes. Segundo Braga (2013, p. 48):

A *internet* traz soluções importantes para esse antigo problema de como se ter acesso a materiais didáticos diversos e adequados. Na rede é possível encontrar textos, ilustrações, vídeos, filmes, discussões sobre qualquer questão que o professor queira explorar na sala de aula. O acervo digital também permite o acesso a algumas iniciativas voltadas especificamente para a disponibilização de materiais didáticos.

Muitos autores, inclusive Braga (2013) defendem a relevância do uso da *internet* em sala de aula para somar ao processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, tendo em vista que a *web* nos possibilita inúmeras ferramentas de auxílio em um único suporte. Vale lembrar que a inclusão dos ambientes digitais deve ser feita de maneira planejada por todos os membros que compõem a escola: diretor, professor, aluno, pais e demais funcionários. É necessário conhecer a opinião de todos e procurar o melhor método de inclusão destas ferramentas, para que a mesma seja feita de maneira significativa. É importante frisar também que não é uma questão de abandonar o tradicional, mas sim de mesclar os recursos atuais com os já cristalizados; é uma forma de aproveitar o moderno e fazer uso de maneira útil e considerável. Nessa inovação, o professor tem a chance de mostrar aos alunos os riscos que a *internet* pode apresentar quando não usada de maneira apropriada, além de mostrar as infinitas possibilidades que ela nos traz para aperfeiçoar nossos conhecimentos.

Dentre inúmeras iniciativas acessíveis na *internet* com o objetivo de compartilhamento de conteúdo digital, podemos citar os repositórios, como o Banco Internacional de Objetos Educacionais (BIOE) que entre todos os repositórios registrados no *Registry of Open Access Repositories* (ROAR), apresenta o maior acervo (SHINTAKU, 2010). O banco é um ótimo suporte para o ensino; uma vez que disponibiliza materiais educacionais gratuitos em diferentes mídias e idiomas, dando oportunidade ao educador de trabalhar com diversas semioses, como: vídeos, imagens, animações e com o gênero hipertexto.

Esse espaço concebe instrumentos para professores de todas as áreas e todos os níveis de ensino, desde o infantil ao superior em inúmeros ramos do conhecimento (BRASIL, 2016). Com relação ao ensino fundamental, nos anos iniciais, o BIOE dispõe de materiais que contemplam animações/simulações, áudios, softwares educacionais e vídeos; já nos anos finais, a demanda de objetos é maior em áudios e vídeos. A utilização dessa nova ferramenta pode promover uma participação mais ativa dos discentes durante as aulas, do mesmo modo consegue auxiliá-los de diversas formas, principalmente na ampliação de seus conhecimentos.

No entanto, vale lembrar que não será apenas a inclusão desses ambientes digitais que trarão mudanças consideráveis no ensino, pois não é uma questão de apenas inseri-los de qualquer forma, mas sim o modo como o professor utilizará tais meios (BRAGA, 2013). É necessário que a seleção dos materiais aconteça de forma adequada, bem como é essencial que a aplicação desses instrumentos seja feita corretamente. Não podemos pensar que pelo simples fato de apresentar um texto em um suporte digital já está incluindo de maneira pertinente as novas tecnologias, muito pelo contrário, ao fazer uma seleção de textos de forma aleatória, além de tornar a aula desagradável, finda por gerar certo descontentamento por parte

dos alunos, que percebem o despreparo do professor ao selecionar determinado material para a aula.

Diante dos avanços tecnológicos, a escola passou a ter a necessidade de adequar o ensino frente às novas tecnologias; e inovar as metodologias em sala de aula tornou-se um assunto comum em palestras na área da educação, sendo que professores de todas as áreas buscam novos recursos para trabalhar de forma que prendam a atenção dos alunos e despertem nestes o interesse pelas aulas.

Neste sentido, contamos com o auxílio de outra ferramenta digital que vem ganhando respaldo na “educação moderna”, são os chamados Objetos Virtuais de Aprendizagem (OVAs) que para Alvarez e Dal Sasso (2011) constituem um recurso digital que serve como complemento e proporciona um apoio aos professores, colaborando no processo de ensino e de aprendizagem. Neste espaço digital, os docentes e discentes podem produzir seus próprios objetos, utilizando animações, imagens, textos; uma mistura da linguagem verbal com a não verbal, desenvolvendo além das quatro competências comuns à escola: audição, fala, leitura e escrita, também a imaginação e a criatividade dos alunos.

Semelhante aos OVAs, temos os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), que segundo Braga (2013) são vistos como uma possibilidade de aprimorar os conhecimentos dos alunos fora da sala de aula. Entre tantos benefícios que esses repositórios digitais concedem aos alunos, podemos apontar, em especial, o desenvolvimento e melhor participação nas aulas, pois sabemos da dificuldade que muitos estudantes apresentam, no que diz respeito a pronunciar-se em público; o medo de errar acaba deixando-os com receio de se expressarem. Já na esfera digital é muito mais fácil assumir opinião diante de determinados assuntos, visto que o aluno não se sente pressionado, assim como o mesmo tem um tempo maior de organizar e aperfeiçoar suas ideias antes de compartilhá-las com os demais.

Como exemplo dos AVAs, possuímos o *Moodle*, que conforme Araújo (2016) trata-se de um espaço virtual público que propicia uma participação mais efetiva dos alunos, garantindo assim, resultados mais satisfatórios na aprendizagem, visto que há uma interação maior tanto com os outros colegas, bem como com os educadores. Nesta plataforma, os usuários podem desenvolver a imaginação, ao passo que recriam seus materiais de estudo, do mesmo modo que trabalham a organização e aprendem a ser mais colaborativos, uma vez que compartilham suas recriações com outras pessoas. Para que os alunos possam ter acesso a esse ambiente *online*, o professor precisa cadastrá-los.

O *Moodle* oferece muitas vantagens, pois dispõe de ferramentas e módulos importantes, tais como: atividades, em que é possível manter comunicação em tempo real com

os outros usuários por meio do *chat*; jogos, utilizando-se de atividades lúdicas, é possível criar cruzadinhas, caça-palavras, mapas conceituais, entre tantas outras possibilidades, a depender da escolha do professor e do seu conhecimento acerca de sua turma; tarefas, permitindo que o professor use desse espaço para o fornecimento de trabalhos e atribuições de notas, e o aluno pode expor suas atividades por meio de qualquer linguagem, fazendo uso de vídeos, imagens, videocliques e planilhas (SANTOS, 2014).

Conforme Braga (2015), outro ambiente da *internet* que é conveniente ao ensino é o *blog*. Acrescentando que, apesar desta plataforma não ter sido criada para fins escolares, com o passar dos anos foi aos poucos adicionada ao contexto escolar. A autora salienta que o *blog* pode ajudar em diversas situações, por exemplo, em atividades de projetos interdisciplinares.

A fim de mostrar a importância desta ferramenta para o ensino de língua materna, Marques (2014, p. 6) destaca que “[...] os *blogs* na educação são muito utilizados por alunos e professores durante a realização de pesquisas e estudos, como também para divulgação e atualização de informações relevantes à comunidade escolar”.

Assim, a utilização do *blog* como instrumento metodológico contribui para a incorporação dos discentes na sociedade moderna e digital, além de ser um espaço de socialização, onde os alunos poderão colaborar de maneira consciente as suas ideias, além de utilizar o ambiente para disseminar atividades da escola para toda a comunidade que faz parte do contexto, o qual eles estão inseridos. E até mesmo fazer uso da plataforma, com o objetivo de sugerir melhorias para o processo de ensino e de aprendizagem.

Barcelos (2011) destaca que a tecnologia e a mídia vêm crescendo de maneira vertiginosa nos últimos tempos, e por isto, faz-se necessário uma reflexão por parte daqueles que estão envolvidos na educação, para que tenhamos uma ruptura de paradigmas que insistem em valorizar o tradicional e não enxergam no novo uma chance de avançar no ensino. É essencial a incorporação destas novas mídias na escola; assim como é fundamental que os educadores repensem acerca do seu papel na formação dos alunos em tempos de constante evolução tecnológica.

Além das TICs, contamos também como ferramenta metodológica as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). De acordo com Brasil (2017), a BNCC que rege o ensino de LP no ensino fundamental II, já vem dialogando com outros documentos curriculares atualizados que sugerem mudanças nesta área, no que se refere à introdução das TDICs no ensino, fazendo com que a escola contemple esses novos letramentos digitais. Acrescentando que “[...] as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas

formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (BRASIL, 2017, p. 66).

As TICs e TDICs devem ser usadas para inovar o ensino de língua materna, pois estas novas tecnologias fornecem recursos que contribuem no acréscimo e no desenvolvimento de conhecimentos acerca de conteúdos de qualquer natureza. Os professores podem fazer uso de aplicativos e *sites* educacionais que desenvolvam nos discentes o senso crítico e o gosto pela leitura.

A incorporação destas tecnologias em sala representa um apoio no processo de aquisição de saberes por parte dos alunos. Neste ponto de vista é essencial que educadores façam uso das novas ferramentas da atualidade para o enriquecimento do ensino, como: celulares, *tabletes* e computadores, pois com isso o aluno passa de mero receptor que apenas recebe as informações para um sujeito mais ativo e participativo.

Assim, torna-se visível a pertinência da inclusão da tecnologia digital para aperfeiçoar as aulas de LP, visando maiores resultados nesta área de ensino. Isto não quer dizer que não se obteve, no decorrer dos anos, efeitos positivos na educação, muito pelo contrário, pois se for comparado o espaço da sala de aula ao longo da história vivenciado especialmente por professores da área, assim como por alunos, deparamo-nos com mudanças significativas ao longo do tempo, onde constatamos a diferença de um ensino anteriormente caótico, baseado em frases soltas; no qual não havia um ensino sistematizado dos gêneros textuais, para um ensino mais atual que conta com o uso dos mais variados gêneros tão comuns nos dias de hoje.

2.3 GÊNEROS DIGITAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Os PCN (2017) direcionam que o ensino aconteça de maneira contextualizada, de forma que a visão crítica dos alunos seja incentivada, bem como a capacidade dos mesmos aprenderem seja ampliada. Além disso, orientam os professores a buscarem novas abordagens e metodologias que surtam efeitos significativos no decorrer do ensino (BRASIL, 2001). No entanto, o que vem sendo observado por muitos autores, como Rojo e Barbosa (2015) é que a escola, muitas vezes, apresenta resistência em acatar os novos letramentos envolvendo os gêneros digitais em circulação na sociedade hipermoderna atual, e defende o ensino tradicional que estamos acostumados a observar em nossas escolas.

Com relação ao pensamento das autoras, não nos é estranho tal observação, pois é muito comum presenciar um bloqueio por parte das instituições, quando o assunto é inclusão

de gêneros digitais em sala de aula. Em geral, alegam que a escola não tem estrutura suficiente para acatar estas novas ferramentas e, em outros casos, argumentam que alguns professores não têm a formação devida, para lidar com tais instrumentos. De acordo com as autoras, a escola pode contemplar esses novos gêneros por meio de algumas esferas:

[...] (a) a esfera jornalística, responsável pelo ‘controle’ e circulação da informação; (b) a esfera de divulgação da ciência, inclusive na escola, responsável pelo ‘controle’ e circulação do conhecimento; (c) a esfera da participação na vida pública (produção e consumo; esfera política etc.), responsável pelo fazer político contemporâneo; (d) finalmente, como ninguém é de ferro, a esfera artístico-literária, por meio da qual se produz cultura e arte e – por que não? – entretenimento na vida contemporânea (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 141).

Refletindo, ainda, sobre o ensino de LP, percebemos que a partir dos anos 80, obtivera no campo científico avanços significativos quanto à legitimidade do texto como eixo de ensino, até os estudiosos chegarem à conclusão que os textos se realizam em gêneros sejam eles textuais ou discursivos. Desta maneira, ao ensinar a língua por meio dos gêneros, segundo Zavam e Araújo (2008, p. 15), “[...] não se estaria trabalhando com fatos gramaticais soltos, descontextualizados, pois as regras linguísticas assumiram seu caráter de funcionalidade” e, desse modo, os educandos se tornarão indivíduos proficientes quanto ao uso da língua.

Na época atual, além dos gêneros textuais ou discursivos, contamos também com os gêneros digitais que podem ser utilizados de diversas maneiras e por diversos suportes. Nos ambientes digitais, os gêneros, provavelmente, concebem maiores facilidades de compreensão, dado que os mesmos abarcam imagens ilustrativas, *links*, e outras esferas semióticas que auxiliam na construção de sentidos, por parte do aluno/leitor. Os mesmos estão presentes também em livros didáticos.

Sendo assim, já não é mais desculpa para os professores que não querem trabalhar com os gêneros digitais dizerem que tal atividade só não é efetuada devido à escola não oferecer recursos tecnológicos, como o computador ou o celular, visto que é possível encontrá-los no LD, mesmo que de maneira limitada. Marcuschi (2008) aponta o porquê da pertinência em se trabalhar com tais gêneros, destacando que os mesmos são capazes de mudar a nossa familiaridade com a oralidade e a escrita, e também são importantes pelo fato de estes estarem em constante desenvolvimento e cada vez mais presente no nosso meio social; o que nos compete conhecê-los e saber empregá-los no dia a dia.

É do nosso conhecimento, que os alunos estão cada vez mais íntimos dos inúmeros gêneros que circulam na rede, principalmente, daqueles que transitam no *Facebook* e

Instagram, devido ao fato dessas redes sociais serem bastante acessíveis e comuns entre os estudantes de todas as idades e classes econômicas. Pois como lembra Martins (2015), os educandos já têm um contato fora da escola com o mundo dos gêneros digitais.

Muitos autores defendem que a *internet* é uma boa ferramenta de auxílio no processo de ensino e de aprendizagem, tendo em vista que a mesma disponibiliza materiais didáticos, e em muitos *sites*, podemos encontrar sequências didáticas ou oficinas, que ajudam o educador no momento de levar um determinado conteúdo para a sala de aula, o que antes sem a ajuda da *web*, não era tão acessível.

Tomando como exemplo a sequência didática, o professor pode utilizá-la, para ministrar de forma mais dinâmica e que prenda a atenção dos alunos diversos conteúdos, sejam eles da área de gramática, de literatura ou de produção textual.

Os gêneros são importantes para as aulas de língua materna, devido a muitos fatores, entre eles, pelo fato de promoverem a ampliação da leitura, expandindo a compreensão do que está sendo lido por parte dos discentes, e também pelo fato de possibilitar a informação em tempo real, bem como a comunicação. Numa sociedade tão desenvolvida, concerne ao professor inserir os alunos nas novas práticas de letramento, incentivando a lerem cada vez mais, bem como conscientizá-los a se tornarem pessoas responsáveis daquilo que propagam na *internet*.

Por meio dos gêneros, o educador pode incitar os alunos a desenvolverem a oralidade. De acordo com Brasil (2017), para se trabalhar com a oralidade é importante que o professor leve diversos gêneros textuais, discursivos ou digitais para a sala de aula e, a partir deles, instigue os discentes a debaterem sobre os mesmos. É necessário envolver também a oralização de textos em situações socialmente significativas, promovendo a interação por meio de discussões que envolvam temáticas relacionadas a diversas dimensões linguísticas e diferentes campos de atuação.

Para que ocorra um trabalho sistematizado com a oralidade, o professor precisa explorar algumas características de cada gênero e, para isto, devemos lembrar das ponderações de Bakhtin, quando o autor leva em consideração três aspectos importantes para analisar um gênero; e isto vale também para os digitais, são eles: o conteúdo temático, o estilo verbal e os propósitos comunicativos (BAKHTIN, 2003).

Os meios de comunicação que temos acesso na sociedade moderna nos permitem, talvez, mudar a realidade escolar, como também auxiliam de forma positiva em nossa vida cotidiana. Os gêneros devem estar presentes na realidade de todos os agentes da educação, pois como nos mostra Baltar (2012), uma educação empenhada em ultrapassar os muros da

escola, precisa vencer os desafios de como lidar com os diferentes tipos de linguagem, para que tenhamos resultados relevantes na construção do conhecimento e na formação de pensamentos críticos.

Por isto, é preciso incentivar e valorizar esses gêneros em massa que há anos vêm de algum modo abrindo portas para a área do saber e do conhecimento. Afinal, a partir deles, provavelmente, professores e estudantes serão capazes de expandir o saber e o discernimento diante de várias temáticas, e o melhor, poderem compartilhar esses saberes com outras pessoas, já que a *internet* nos possibilita tal atividade.

2.4 DESAFIOS DOS DOCENTES AO ABORDAREM OS GÊNEROS DIGITAIS

De um modo geral, é comum ouvir de professores, sejam aqueles que já lecionam há muitos anos, ou até mesmo os recém-formados, que as escolas não contribuem de maneira eficaz, para que haja um trabalho sistematizado com os gêneros digitais em sala de aula. E outras se negam a aceitar esta inclusão por acreditarem que isto é irrelevante para o ensino, e defendem que o estudo com os gêneros textuais ou discursivos já dão conta daquilo que está posto no conteúdo programático da disciplina LP. No entanto, de acordo com Prieto:

Considerando que o processo educativo se relaciona, intimamente, com o contexto social, é evidente que esse contexto passe a redefinir um novo sujeito a ser formado, redefinindo, também, a própria compreensão da função da escola. Portanto, uma nova configuração no meio acadêmico deve ocorrer para que se possibilite a sua extensão à vida em sociedade, a outros espaços sociais, apresentando, aos alunos, outras formas de aprendizagem, que explorem a informação e a interação, a partir das ferramentas tecnológicas (PRIETO, 2016, p. 44).

Nessa perspectiva, não deve haver uma separação entre a escola e a tecnologia, pois não se pode abandonar aquilo que está em vigor na sociedade, haja vista que a mesma pode ser de bastante utilidade para o professor, no momento de ministrar certos conteúdos. Sabemos que são muitos os gêneros que emergiram com a evolução tecnológica, os quais são, em sua maioria, do conhecimento dos alunos, o que contribui mais ainda no momento de levá-los para o contexto escolar.

Autores como Rojo e Barbosa (2015) chamam a atenção para a dificuldade que a escola impõe com relação aos novos letramentos, uma vez que particularizam quase que de forma unânime, o tradicional, sem dar importância aos novos gêneros em circulação da época atual. Lamentavelmente, é complicado para o educador, sozinho, sem a contribuição da

escola, tentar fazer uso desses novos instrumentos. Visto que o mesmo, provavelmente, venha a ser julgado como professor pretensioso, por tentar inovar na educação e fazer algo que, até então, não foi feito pelos demais por medo de represálias.

Sem essa parceria, os educadores acabam ficando tímidos e tendem a se limitar, em geral, aos gêneros habituais presentes no LD. No entanto, é preciso frisar que alguns têm a preocupação em trazer outros gêneros fora àqueles do livro, e isto é primordial para que os alunos conheçam a diversidade de gêneros que estão presentes na sociedade e que são essenciais para o nosso convívio na mesma.

Conforme Rolli (2015), estudos apontam que algumas escolas desconhecem a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que exige a inclusão da Educação Digital no ensino infantil e fundamental em todo o País. Isto só mostra o descaso que muitos profissionais que estão à frente das escolas exercem para com os alunos e professores, visto que é uma falta de consideração por parte de alguns membros que compõem a escola não se atualizarem perante as leis que vigoram o ensino.

É do nosso conhecimento que o professor deve instigar no aluno o desejo de aprender, e o uso desses ambientes digitais oferecem subsídios que poderão favorecer uma aprendizagem significativa. Com isso, os cursos de formação continuada podem fornecer tais habilidades para os docentes, preparando estes para aprenderem a manusear determinados equipamentos tecnológicos. Em conformidade com Silva (2010, p. 2):

[...] enfatiza-se a importância do desenvolvimento de um letramento digital que capacite professores e alunos na utilização dessas ferramentas midiáticas de forma que estas possam ser um instrumento interativo de escrita-leitura, bem como um instrumento de atitude exploratória que favoreça o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva dos alunos.

Não podemos nos esquecer, também, que em muitos casos os próprios discentes não colaboram com os professores e findam por desestimular os mesmos a buscarem outras ferramentas alternativas, resultando em um atraso tanto na educação quanto no avanço dos conteúdos. O fato de estarem adaptados apenas ao ensino tradicional pode despertar no aluno um bloqueio para o novo. Há ocorrências em que o professor prepara uma aula excelente, e por falta de interesse dos educandos, os resultados não são positivos, e tornam a aula desagradável e improdutiva. Em outros casos, o professor leva um conteúdo totalmente fora da realidade do aluno, deixando o ambiente entediante e cansativo.

Para que isso não aconteça, é fundamental que haja uma parceria entre professor e aluno, para que ambos possam alcançar os seus objetivos ao término da aula; fazendo com

que os resultados sejam satisfatórios tanto para um lado, quando para o outro. O professor precisa conhecer sua turma e adequar o conteúdo para aquela classe em específico, dado que nem sempre os efeitos obtidos numa determinada sala de aula serão obtidos em todas as outras da mesma forma. É necessário conhecer os níveis de dificuldade de cada uma, pois há alunos que têm mais facilidade em manusear um aparelho tecnológico e determinados ambientes digitais e, em contrapartida, há outros que não têm essa mesma desenvoltura.

Como já foi visto, é possível que o professor trabalhe os gêneros digitais através do LD, tendo em vista que alguns autores já trazem essa abordagem. Porém, muitos deles são bem restritos, e, constantemente, não consideram alguns aspectos relevantes, no que diz respeito ao contexto histórico, cultural e social dos discentes. O que percebemos é que os exemplares didáticos persistem em expor em sua estrutura o mesmo molde normativo de antes, pois a maioria dos livros traz as mesmas definições cristalizadas, que pouco ou nada interessa ao processo de ensino e de aprendizagem por parte dos educandos. Notamos que, geralmente, não trazem a inovação do gênero, da forma como deveria ser tratado dentro da teoria dos gêneros. Outro ponto preocupante é o fato de alguns desses materiais não levarem em consideração os conhecimentos prévios dos alunos.

Diante das reflexões acima, inferimos que são muitas as dificuldades enfrentadas pelo educador, com relação à inserção dos gêneros digitais no contexto educacional. Porém, ainda assim, é importante que o educador sempre busque alternativas pedagógicas para melhorar o ensino de língua materna, contemplando, vez ou outra, os gêneros emergentes na sociedade.

2.5 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO HIPERTEXTO

Ao falarmos do hipertexto é relevante evidenciarmos quem o criou e quando tal gênero surgiu. Segundo Gomes (2011) foi em meados da década de 60 que o hipertexto foi desenvolvido, pelo filósofo e sociólogo estadunidense Theodor Nelson. De acordo com Gomes, Nelson considerava o hipertexto como sendo “[...] um trecho de texto verbal ou pictórico interconectado com inúmeros outros trechos, por meio de *links*, de forma complexa, isto é, não linear, que não pode ser representado de modo conveniente de forma impressa” (NELSON apud GOMES, 2011, p. 20-21).

De acordo com Gomes (2011), o hipertexto nada mais é que um texto virtual, que se caracteriza pela presença de *links*. Pode ser comparado aos verbetes das enciclopédias utilizados, há alguns anos, nas bibliotecas, com o objetivo de organizar livros e documentos de maneira mais eficaz. Segundo Tim et al. (2004), o hipertexto é associado também com as

notas de rodapé existentes em um determinado gênero para explicar algo ao leitor referente à temática.

E ao utilizar estas notas de rodapé, fazemos uso de uma das características principais do hipertexto, que é a de estruturar as informações em um texto digital, para que elas possam ser acessadas de maneira mais rápida e sem a necessidade de seguir uma linearidade, o que não era possível com o método da indexação citado acima. Essa facilidade de leitura é possível graças à ajuda dos *hiperlinks*, que para Gualberto (2012, p. 57) reflete o seguinte:

Os hiperlinks representam uma das características do hipertexto digital. Eles funcionam como ligações entre nós, pois o hipertexto é constituído por nós (ou conceitos) e ligações ou hiperlinks (relações). Os nós são constituídos por blocos textuais, que podem ser organizados em segmentos separados, embora inter-relacionados. No hipertexto, ocorre um conjunto de ligações associativas que conectam os nós numa rede principal. Assim, um hipertexto é uma rede desses nós, conectados pelas ligações.

Daí a importância dos *hiperlinks*, ou *links* nos gêneros digitais, como no hipertexto, dado que os mesmos são essenciais para a construção de sentidos. A partir deles, os alunos terão a oportunidade de ampliarem os seus conhecimentos. Em conformidade com Gualberto (2008) é fundamental que haja relações de coerência entre o gênero que está sendo lido e os *links* que compõem tal gênero, pois do contrário, os leitores se sentirão prejudicados na leitura e, conseqüentemente, na compreensão.

Ainda, em relação ao surgimento do gênero, Cavalcante (2012) enfatiza que a história do hipertexto está atrelada a dois momentos: o primeiro em meados da década de 50, e o segundo diz respeito à década de 80, com a disseminação da *internet* e da informática. Esta última fase se estende até os dias vigentes, tendo como principal inquietação a busca por maiores aperfeiçoamentos, para a troca de informações entre os usuários.

No que diz respeito à caracterização do hipertexto, Lévy (2004, p. 16) o configura sob seis princípios abstratos:

- *princípio de metamorfose*, sendo que o mesmo está em contínuo processo de estruturação;
- *princípio de heterogeneidade*, pelo fato dos usuários e a própria rede hipertextual serem divergentes;
- *princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas*, “[...] o hipertexto se organiza em um modo ‘fractal’, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, e assim por diante, indefinidamente, ao longa da escala dos graus de precisão”;
- *princípio de exterioridade*, é necessário agentes externos para o desenvolvimento ou não

da rede hipertextual, pois é preciso que haja adição de novos elementos, bem como conexões com outras redes digitais;

- *princípio de topologia*, “[...] nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança. Neles, o curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhas”;
- *princípio de mobilidade dos centros*, o hipertexto oportuniza vários caminhos ao usuário, por meio dos *links*, cabe ao leitor escolher qual desses caminhos irá seguir.

Com base nesses princípios, podemos concluir que o hipertexto está sempre em processo de transformação, e isso se deve ao fato das mudanças que ocorreram com o passar dos anos, atingindo os meios de comunicação. No entanto, sua essência continua sendo a mesma, por exemplo, ao compararmos a utilidade do gênero há alguns anos, observamos que assim como na atualidade, outrora, o hipertexto utilizava-se de recursos para ampliar a compreensão leitora das pessoas, porém como não havia *internet*, e conseqüentemente, não se falava em *links*, de acordo com Aquino (2006), os leitores faziam uso de citações, ilustrações ou notas de rodapé inseridas nas margens das páginas ou colocadas em cadernos isolados e revistas quando necessário.

2.5.1 Hipertexto como instrumento metodológico nas aulas de língua materna

Assim como a linguagem, os gêneros também são maleáveis e sujeitos a modificações com o passar do tempo. O homem, por sua vez, precisa se adaptar e acompanhar as transformações oriundas do desenvolvimento tecnológico que acompanhamos todos os dias. No contexto escolar essa realidade não é diferente, uma vez que os professores convivem com alunos conectados, e cada vez mais à frente das TICs.

Em razão disso, conseqüentemente, os educadores passaram a ter um desafio maior, no que diz respeito ao ensino, tornando-se fundamental conceber a inclusão destes novos instrumentos dentro da sala de aula, pois, possivelmente, a partir deles conseguirão prender a atenção dos alunos e, quem sabe, tornar a aula mais atrativa e participativa por parte dos mesmos.

Neste cenário de modernização dos instrumentos metodológicos para o ensino, destacamos a relevância do hipertexto como ferramenta pedagógica para o aprimoramento das aulas. Tendo em vista que o educador pode fazer uso deste recurso digital com o intuito de incentivar os discentes às práticas de leitura, de escrita e de interpretação textual, mostrando-lhes os vários sentidos que estão explícitos ou implícitos num determinado texto.

Com relação ao conceito de hipertexto, Xavier (2010, p. 208) define-o como “[...] uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Sendo assim, o hipertexto possibilita ao leitor dar vários sentidos ao texto, pois são inúmeras as possibilidades de leitura e de *links* presentes no corpo do texto, podendo ser palavras, imagens, gráficos etc. Ao “cliquear” nesses atalhos, o leitor será direcionado para outras páginas de sua escolha, podendo assim somar na sua compreensão do conteúdo. A fim de amplificar a definição do hipertexto, vejamos como Gomes o descreve:

O hipertexto pode ser entendido como uma modalidade de escrita que procura maneiras alternativas de construção textual que ajudem a contornar as dificuldades impostas à leitura do texto na tela e também a explorar os recursos oferecidos pelo meio digital, como os links e a inserção de imagens, por exemplo (GOMES, 2011, p. 45).

Em vista disso, percebemos a relevância da inserção do hipertexto nas aulas de língua materna com o objetivo de superar as dificuldades de interpretação textual por parte dos alunos, que muitas vezes não são vistas com a devida atenção pelo professor. E esse deslize, infelizmente, acaba contribuindo no aumento da taxa de analfabetismo funcional, tanto no ensino fundamental quanto no médio e, em muitos casos, até no ensino superior encontramos alunos que não conseguem interpretar textos com um nível maior de dificuldade, por exemplo, os literários e jornalísticos.

Ao fazer uso do hipertexto, o professor fornece ao aluno inúmeras possibilidades de leitura, já que há uma diversidade de *links* que o discente pode escolher mediante aquilo que ele gosta de ler. Além disso, há a presença de comentários no decorrer do texto que facilitam na compreensão do mesmo, além do mais, o leitor pode obter definições e exemplos que possam colaborar no seu entendimento.

Desse modo, revelamos a importância da inclusão dessa ferramenta na sala de aula com o propósito de auxiliar os professores na elaboração das aulas, tornando-as mais dinâmicas e diversificadas, possibilitando uma inovação do ensino, fugindo assim do tradicional, provocando transformações na realidade educacional. Os educadores podem fazer uso de aplicativos e *sites* educacionais que desenvolvam nos discentes o senso crítico. Nesse sentido, é necessário que o professor tenha uma postura efetiva de um profissional que se preocupa verdadeiramente com o aprendizado, exercendo assim, o papel de um mediador entre a sociedade e a particularidade do educando.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa pesquisa foi realizada no período de 20 de outubro de 2017 a 30 de novembro de 2018, contendo uma amostra de 30 alunos do Ensino Fundamental II, e 03 professores de LP, da EEEFMB. Como forma de caracterizar os alunos participantes da pesquisa foram realizadas algumas perguntas como idade e sexo. Dentre os alunos, 15 eram do sexo masculino e 15 do sexo feminino e encontravam-se na faixa etária entre 12 a 16 anos. Com relação aos professores, as três eram do sexo feminino, com as seguintes idades: 28, 37 e 55 anos.

Referente ao questionário aplicado às professoras, o mesmo era composto por 10 questões, todas discursivas. Para a análise dos dados, utilizamos algumas categorias, as quais foram elencadas abaixo.

Solicitamos às professoras o seguinte: **Fale um pouco sobre sua formação escolar ou acadêmica** (Questão 1), as respostas seguem abaixo:

Professora 01 – “Sou formada em licenciatura em língua portuguesa, pela Universidade Federal de Campina Grande, na turma de 2006”.

Professora 02 – “Durante toda a minha formação escolar fui aluna de escola pública. Cursei Letras na UFCG Campus Cajazeiras e atualmente estou no Mestrado Profissional – UERN”.

Professora 03 – “Sou formada em Psicopedagogia na UVA Universidade Vale do Acaraú – CE e Letras no IFPB de Sousa – PB. Atuo como prestadora de serviço na E.E.E. Fe Médio de Bandarra”.

Por meio das respostas, verificamos que todas as professoras participantes do estudo possuem graduação em Letras - Língua Portuguesa. Duas formadas na UFCG sendo o curso presencial, e a outra na modalidade à distância pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

Referente à pergunta: **Quantos anos faz que ensina Português** (Questão 2) disseram o seguinte:

Professora 01 – “24 anos”.

Professora 02 – “07 anos”.

Professora 03 – “Estou atuando como professora de Língua Portuguesa no Fundamental II e no Ensino Médio EJA. Em 2017 fui articuladora de L.P. do Novo Mais Educação.

A fim de sabermos se as professoras utilizam ou não o manual didático, questionamos: **Utiliza LD? Qual? De que modo a proposta do ensino de LP é apresentada no LD?** (Questão 3).

Professora 01 – “Utilizo o livro didático proposto pelo MEC. A proposta é apresentada de forma clara e objetiva”.

Professora 02 – “Sim. Português Contemporâneo: Diálogo, reflexões e uso. O livro adotado apresenta a LP como dinâmica, interativa e produtiva, porém ainda não contempla uma proposta significativa do ensino de LP”.

Professora 03 – “Sim. Português linguagem e Português Contemporâneo, esses livros abordam os gêneros textuais de forma contextualizada para facilitar na aprendizagem dos alunos”.

De acordo com os dados, constatamos que todas fazem uso do LD. A professora (02) destaca que, apesar da proposta ser produtiva, ainda está distanciada daquilo que se espera para um material significativo de LP. Não podemos deixar de mencionar a relevância do manual didático para o ensino, tendo em vista que o mesmo serve de subsídio didático e teórico para o processo de ensino e de aprendizagem na sala de aula há muito anos, quando o governo federal criou programas de distribuição de livros didáticos gratuitos para as escolas brasileiras, atualmente chamado de Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) (MENEZES; SANTOS, 2001).

É importante frisar que esses materiais didáticos devem estar baseados nas discussões teóricas dos PCN, os quais precisam possuir como eixo norteador os gêneros, de forma contextualizada. O que, infelizmente, não vem acontecendo em muitas escolas, pois no momento da escolha do material, algumas questões não são levadas em consideração, como por exemplo, o contexto social e cultural dos alunos.

Para averiguarmos se as educadoras seguem às propostas dos documentos que regem o ensino de LP, quando sugere que é necessário o ensino ser fundamentado na teoria dos gêneros, perguntamos: **Você faz uso dos gêneros textuais em suas aulas?** (Questão 4). Todas responderam que sim, porém apenas duas justificaram suas respostas, conforme está elencado abaixo:

Professora 01 – “Sim”.

Professora 02 – “Sim. Os gêneros textuais são eixos norteadores nas aulas de LP, haja vista que a comunicação e atividades sociais ocorrem a partir dos gêneros textuais.

Professora 03 – “Sim. O uso dos gêneros textuais em sala de aula é de suma importância, uma vez que contribui de forma significativa no conhecimento dos alunos”.

Com base nas respostas, observamos que as professoras percebem o quão importante é ensinar por meio dos gêneros textuais, tendo em vista que todas as nossas formas de comunicação são efetuadas por meio deles, assim como ressaltou a professora (02). Como aponta Marcuschi (2002), os gêneros textuais estão fortemente ligados à vida cultura e social, pois contribuem para a organização de nossas atividades comunicativas do cotidiano.

É fundamentado nesse estudo que os discentes perceberão que os gêneros atendem às necessidades comunicativas de todos os usuários da língua e que são variáveis, pois podem ser modificados ao longo dos anos, podendo apresentar diversos estilos e conteúdos temáticos.

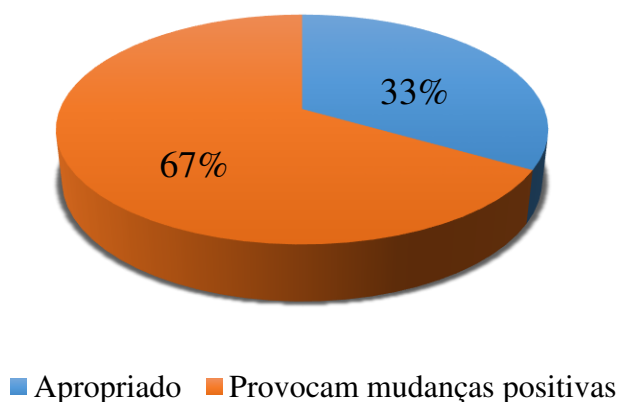
Diante do questionamento: **Qual a sua opinião em relação às TICs voltadas para o ensino de LP?** (Questão 5) 67% demonstraram achar significativo e justificaram suas respostas, enquanto que 33% apenas disseram que tais instrumentos são apropriados (Gráfico 1).

Professora 01 – “Acho apropriado”.

Professora 02 – “As TICs provocam mudanças positivas para o ensino de Língua Portuguesa, além de levar o aluno a compreender e participar do meio social e transformar o ambiente que está inserido”.

Professora 03 – “É notório que o uso das (TICs) voltadas para o ensino de L.P exerce um papel importante, visto que sua inserção desenvolve possibilidades positivas”.

Gráfico 1 – Referente à questão 5



Fonte: Pesquisa (2018).

As educadoras veem as TICs de maneira positiva. É fundamental que durante a fase de planejamento, os docentes procurem selecionar as metodologias e recursos que serão usados para ministrar suas aulas, tentando fazer essa integração das TICs para abordar determinados conteúdos, uma vez que representam recursos que estimulam o interesse dos estudantes, o que poderá fornecer uma melhor assimilação dos assuntos.

De acordo com Lobo e Maia (2015), a tecnologia está cada vez mais presente no dia a dia das pessoas, e essa evolução possibilita que se tenha um acesso mais fácil a informação, por isso é importante que os professores do ensino superior procurem acompanhar essas

modificações e levem para a sala de aula materiais e ferramentas sempre atualizadas. Pois, é substancial que o futuro professor, ainda em formação se depare com essas novas tecnologias ainda no curso para quando chegarem em suas salas de aula possam realizar um trabalho sem muitas dificuldades, tendo em vista que já saberão manuseá-los, bem como inseri-los de maneira apropriada, podendo assim, surtir possíveis mudanças na educação, e conseqüentemente, no ensino.

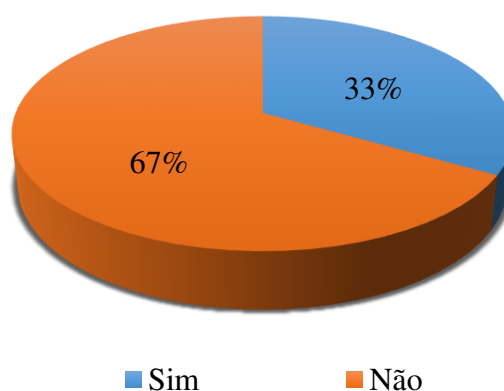
Referente à pergunta: **Utiliza os gêneros digitais em suas aulas?** (Questão 6) 67% responderam que não, e apenas 33% disseram que sim (Gráfico 2).

Professora 01 – “Não. A internet em ambiente escolar não é satisfatória para esta atividade e nem todo mundo dispõe de aparelhos eletrônicos”.

Professora 02 – “Sim. Os gêneros digitais ocupam um espaço significativo na área da linguagem e também estão inseridos no cotidiano dos educandos”.

Professora 03 – “Não. A escola não dispõe da sala de informática, apenas oferece o uso do computador para pesquisas”.

Gráfico 2 – Referente à questão 6



Fonte: Pesquisa (2018).

Diante dos resultados, concluímos que, lamentavelmente, na instituição onde o estudo foi realizado ainda não há incorporação dos gêneros digitais nas aulas de LP. A educadora (01) destacou não achar relevante utilizar a *internet* para este estudo, porém é necessário salientar que para ocorrer tal inserção não é necessariamente exigido o uso da *internet*, tendo em vista que os próprios materiais didáticos, muitas vezes, já abordam tal conteúdo.

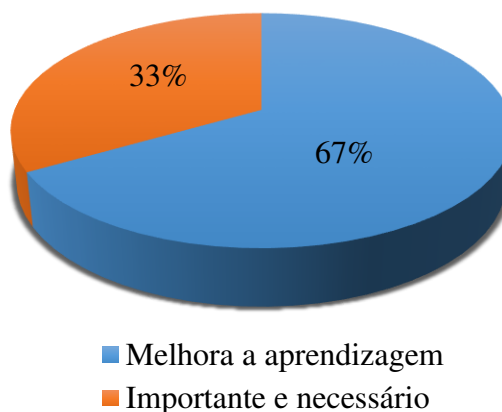
Qual a sua opinião sobre a inclusão dos gêneros digitais para o aprimoramento das aulas de LP? (Questão 7) 67% disseram que esta inclusão contribui para melhorar a aprendizagem dos alunos, principalmente, no que tange aos eixos da leitura e da escrita, 33% disseram que além de ser importante é também necessária (Gráfico 3).

Professora 01 – “Acho pertinente, tendo em vista o uso da internet para melhoria na leitura e escrita”.

Professora 02 – “Incluir os gêneros digitais nas aulas de LP não é só importante, mas também necessário, pois o virtual e a comunicação estão conectadas”.

Professora 03 – “O uso das (TICs) para o aprimoramento das aulas de L.P contribui no aprendizado, dessa forma essa prática irá estimular um desejo maior de aprender”.

Gráfico 3 – Referente à questão 7



Fonte: Pesquisa (2018).

Conforme é apontado nos dados, as educadoras são favoráveis à inclusão dos gêneros digitais para aperfeiçoar o ensino, e conforme a professora (01), o uso da *internet* pode favorecer aos alunos melhores resultados no trabalho com a leitura e a escrita.

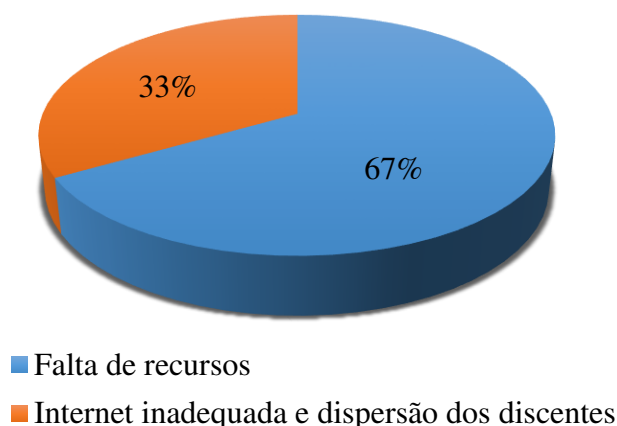
Quais os principais desafios enfrentados pelos professores de LP, no que diz respeito à inserção dos gêneros digitais em sala de aula? (Questão 8) 67% apontaram a falta de recursos na instituição de ensino e 33% disseram que o problema está na utilização de *internet* de maneira desapropriada, o que pode ocasionar a dispersão dos alunos no momento das aulas (Gráfico 4).

Professora 01 – “Internet não apropriada, concentração e atenção do aluno”.

Professora 02 – “São muitas as dificuldades e as principais ainda estão na própria escola em não ter a tecnologia que deveria ter e ainda proíbe os alunos de usarem celulares na escola”.

Professora 03 – “As (TICs) envolvem a informação por meio de eletrônicos e digitais, a escola ainda não oferece esses meios de forma adequada”.

Gráfico 4 – Referente à questão 8



Fonte: Pesquisa (2018).

No que diz respeito à utilização da *internet* inadequada, esse fator está fortemente ligado ao despreparo de professores, que em grande parte não a utilizam da forma como deveria, provocando assim a desconcentração dos alunos e pouco rendimento dos mesmos. Os PCN ressaltam a necessidade de se conhecer e saber fazer uso das tecnologias de maneira adequada. Apontam que é fundamental:

[...] aprender a localizar, selecionar, julgar a pertinência, procedência, utilidade, assim como capacidade para criar e comunicar-se por esses meios. A escola tem importante papel a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a se relacionar de maneira seletiva e crítica com o universo de informações a que têm acesso no seu cotidiano (BRASIL, 2001, p. 139).

Assim, os educadores podem instruir os discentes a utilizarem a *internet* de forma consciente, navegando, apenas, em *sites* seguros, os quais possam contribuir para o seu crescimento intelectual e cognitivo. Pois, sabemos que muitos alunos, principalmente do ensino fundamental, ainda, não têm maturidade suficiente para saberem quais *sites* podem auxiliá-los e contribuir na ampliação de seus conhecimentos.

Você participou de alguma formação continuada que tratasse dos gêneros digitais voltados para o ensino? Se sim, quais? (Questão 9). Todas disseram não ter participado. De acordo com Bonacin e Mafra (2014), as práticas escolares que abarcam as novas tecnologias precisam ser cobradas nos cursos de formação continuada, para que professores que não tiveram condições de fazer um curso presencial saibam como abordar essas tecnologias em sala de aula. Porém, sabemos que esses cursos não são importantes apenas para este público, mas também para aqueles que se formaram há muitos anos, e conseqüentemente, não sabem como utilizar os gêneros digitais dentro do contexto escolar.

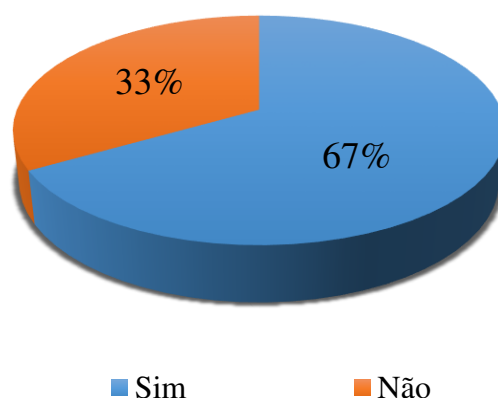
Gostaria de fazer algum outro comentário sobre sua prática docente? (Questão 10) 67% elaboraram comentários sobre suas práticas educativas, e 33% não fez nenhuma ponderação (Gráfico 5).

Professora 01 – “Não”.

Professora 02 – “A prática docente precisa ser aliada ao desenvolvimento e avanço social, é isso que busco contemplar durante o planejamento das aulas, apesar dos empecilhos e dificuldades que encontro no trabalho”.

Professora 03 – “A minha prática educativa será sempre uma grande contribuição para o meu conhecimento”.

Gráfico 5 - Referente à questão 10



Fonte: Pesquisa (2018).

Em relação ao questionário aplicado aos alunos, o mesmo era composto por 10 questões entre discursivas e objetivas. Para a análise dos dados, também utilizamos algumas categorias, as quais seguem abaixo.

Quando perguntamos acerca do **ensino de LP**, (Questão 11) 43% responderam que acham bom, 30% consideraram difícil e 27% afirmaram que o ensino está ótimo (Gráfico 6). Abaixo seguem algumas dessas respostas transcritas da maneira como os discentes opinaram:

Aluno 01 – “É um ensino fundamental para as nossas vidas. Está bom, mas é preciso trabalhos para o preparo essencial para o ENEM”.

Aluno 02 – “Legal, e fácil de aprender e de explicar. A Língua Portuguesa é muito importante para nos aprendermos a escrever e a ler”.

Aluno 03 – “Bom. Por que quando a gente tiver em outro lugar desconhecido e alguém perguntar algo saberemos responder”.

Aluno 08 – “Eu gosto muito é uma das minhas matérias favoritas”.

Aluno 09 – “Eu acho uma matéria muito difícil, não entendo quase nada”.

Aluno 15 – “Muito bom, a Língua Portuguesa é mas importante porque se aprendermos facilita até o nosso modo de falar”.

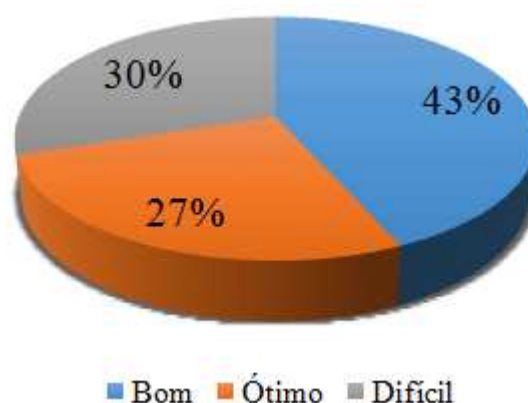
Aluno 22 – “Não gosto muito. Pois acho muito complicado”.

Aluno 28 – “Difícil, precisa ser melhorado”.

Diante das respostas, podemos perceber que 70% dos alunos têm afinidade com a disciplina e reconhecem a importância da mesma para suas vidas. Apesar de ainda estarem no ensino fundamental II, alguns já se preocupam com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como é o caso do aluno (01) que apontou a necessidade de uma sistematização no ensino, no qual sejam trabalhados os conteúdos que são voltados para o exame.

Dos 30% que consideram a disciplina difícil, eles destacaram uma certa deficiência no ensino, e talvez, isso decorra do insucesso de alguns professores que ainda persistem no tradicional, e não abrem espaço para as novas metodologias ativas. De acordo com Braga (2013), os educadores não podem ignorar que estamos inseridos em um novo contexto, sendo este digital, e por isto, há a necessidade do aperfeiçoamento de professores frente a esta nova era, a qual os alunos estão cada vez mais familiarizados.

Gráfico 6 – Referente à questão 11



Fonte: Pesquisa (2018).

Diante do questionamento: **O que são gêneros textuais?** (Questão 12) 90% disseram ser textos utilizados para as pessoas se comunicarem diariamente e deram exemplos, enquanto que 10% não souberam responder (Gráfico 7).

Aluno 02– “Os textos que usamos para nos comunicar. Exemplos: cartas, telegrama e etc.”

Aluno 12 – “São um modo de classificar os textos. Exemplos: conto maravilhoso, carta pessoal, telefonema”.

Aluno 13 – “Poesia, livro de receitas, história em quadrinho etc”.

Aluno 22 – “Revistas, livros, bíblia e etc”.

Aluno 25 – “Vários tipos de textos”.

Aluno 28 – “Não lembro”.

Aluno 30 – “Nunca estudei”.

Com base nos dados acima, constatamos que os alunos percebem a relevância dos gêneros textuais para o dia a dia, exceto uma pequena minoria que disse não ter estudado, ou não lembram. No entanto, vale destacar que alguns discentes associam o gênero ao suporte, como: revistas, livros de receitas, bíblia, etc. Outros, por sua vez, confundem o gênero com a materialidade, no caso o texto.

Acerca disto, Antunes (2009) ressalta a importância do professor esclarecer as diferenças existentes entre os textos e os gêneros. Para tanto, destaca que os gêneros textuais não podem ser numerados, visto que variam muito e adaptam-se às necessidades dos falantes. E, mesmo que não possamos contá-los, é possível observar que eles possuem peculiaridades que nos permitem reconhecê-los entre tantos outros gêneros. Nas características dos gêneros estão a apresentação dos tipos estáveis de enunciados, além de estruturas e conteúdos temáticos que facilitam sua definição. Diferentemente dos tipos textuais, que apresentam uma estrutura bem definida, além de um número limitado de possibilidades (podem variar entre cinco e nove), os gêneros textuais são diversos e cumprem uma função social específica.

Gráfico 7 – Referente à questão 12



Fonte: Pesquisa (2018).

Referente à pergunta **já ouviu falar em gêneros digitais? Se sim, quais?** (Questão 13) 41% responderam que sim e 59% disseram que não (Gráfico 8).

Aluno 01 – “Sim. São os meios intelectuais, por meio de computadores, celulares. whatsapp, facebook, gmail.

Aluno 04 – “Sim, o que são usados para comunicação eles são bate – papo, facebook”.

Aluno 12 – “Não”.

Aluno 22 – “Sim, facebook, instagram, whatsapp”.

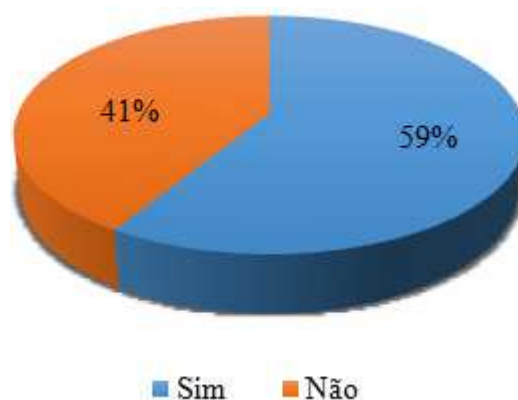
Aluno 29 – “Não. Nunca ouvi falar”.

Aluno 30 – “Não sei o que é”.

Com base nas respostas, constatamos que apesar dos gêneros digitais serem um assunto que já vem sendo debatido em várias palestras na área da educação, e nos próprios documentos que regem o ensino, ainda assim a porcentagem dos alunos que não os conhecem é maior do que a daqueles que disseram conhecê-los. Vale destacar que os que informaram já ter ouvido falar, cometem o equívoco de pensarem às plataformas digitais como sendo os gêneros.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 31, grifo do autor): “[...] antes de entrar propriamente na análise dos gêneros virtuais, seria útil analisar os *ambientes* ou *entornos virtuais* em que esses gêneros se situam [...]”. Logo, é aconselhável que os educadores antes de adentrarem no conteúdo, primeiro mostre aos alunos as plataformas nas quais podemos encontrar esses gêneros, para que assim, a confusão entre o suporte e os gêneros possa ser desfeita.

Gráfico 8 – Referente à questão 13



Fonte: Pesquisa (2018).

Quando questionamos: **Você se interessa pelas aulas de LP?** (Questão 14) 93% disseram que sim e justificaram, em contrapartida, 07% marcaram que não, e apenas dois justificaram sua resposta (Gráfico 9).

Aluno 08 – “Sim. Porque vamos melhorando no Português, tanto na fala, quanto na escrita”.

Aluno 11 – “Não. Porque não sei muito bem”.

Aluno 13 – “Sim. Porque a pessoa aprende as coisas”.

Aluno 18 – “Sim. Eu gosto porque é muito importante na nossa vida”.

Aluno 19 – “Sim. Porque tem verbos um monte de coisas”.

Aluno 28 – “Não. Por que a professora so coloca a gente pra escrever e olha os erros gramaticais e não coloca agente pra ler” (PESQUISA, 2018, grifo nosso).

Aluno 30 – “Não”.

Baseando-nos nas respostas dos alunos, averiguamos que quase uma totalidade tem interesse pela disciplina, reconhecem a relevância desse estudo para suas vidas e percebem que à proporção que estudamos a LP, tendemos a melhorar tanto a nossa fala quanto a escrita. Daí a necessidade de se trabalhar com os gêneros voltados para a oralidade e para a escrita. A respeito da escrita, Marcuschi (2010) evidencia que:

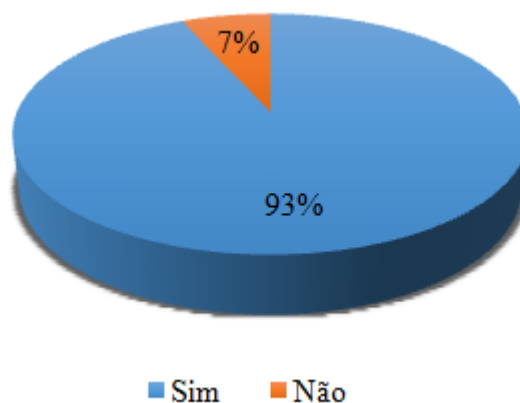
[...] a escrita deve ser entendida com um processo de interlocução entre leitor-texto-autor que se concretiza via gêneros textuais num contexto sócio-historicamente situado. Por essa razão, no ensino da elaboração textual, devem ser propostas situações que se reportem a práticas sociais e a gêneros textuais passíveis de serem reconstituídos, ainda que parcialmente, em sala de aula, tanto no que se refere à produção quanto no que se refere à recepção do texto escrito. Escrever na escola, portanto, deve ser visto como um ensaio ou mesmo uma prévia convincente do que será requerido dos jovens aprendizes no espaço social (MARCUSCHI, 2010, p. 78).

Neste ponto de vista, o professor deve ter a consciência de trabalhar os gêneros mais próximos dos alunos, ensinando-os os mais diversos, bem como suas finalidades e propósitos comunicativos, para que os discentes aprendam a utilizá-los em situações propícias. É fundamental que saibamos escrever para nos comunicarmos socialmente, interagindo uns com os outros e nos tornando seres ativos. O autor ainda ressalta alguns campos que são importantes para ser estudado, são eles: o jornalístico, o literário, o científico, o midiático e o do cotidiano.

Chamou-nos atenção a resposta do aluno (28), que disse não gostar das aulas, devido ao fato da professora apenas colocá-los para escreverem e, posteriormente, esses escritos só servem para fins de correção dos erros gramaticais cometidos pelos discentes, uma vez que não há um espaço para a leitura. Devido a isto, uma grande maioria dos alunos obtém uma má formação e mesmo que saiba ler e escrever não está apto a interpretar um texto, por isto são chamados analfabetos funcionais.

Sabemos que estas duas modalidades apresentadas são atividades que devem ser conduzidas simultaneamente. No entanto, ainda é comum que alguns educadores deem mais ênfase à escrita do que à leitura. Talvez, isto aconteça pelo fato de alguns acreditarem que é mais fácil avaliar um aluno pelos seus acertos e erros de escrita, o que fica difícil de realizar quando um aluno apenas lê. Este erro decorre pela má formação dos professores, o que, infelizmente, é bastante recorrente nas escolas, e isto acontece, muitas vezes, devido à baixa atratividade da profissão, à sua desvalorização em nosso país e também pela dificuldade de muitos se especializarem.

Gráfico 9 - Referente à questão 14



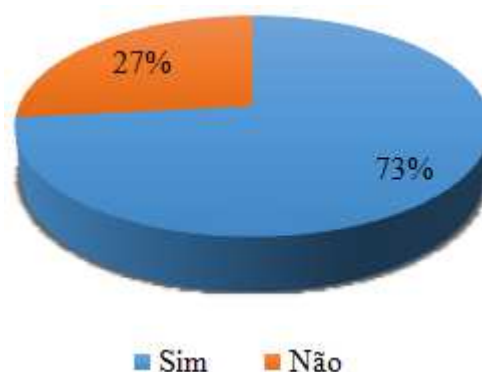
Fonte: Pesquisa (2018).

Como forma de verificar a compreensão dos alunos no tocante aos gêneros digitais, interrogamos o seguinte: **Você sabia que os textos que circulam nas redes sociais, como o Facebook e o WhatsApp, são exemplos de gêneros textuais ou digitais?** (Questão 15) 73% disseram que sim e 27% responderam que não (Gráfico 10). Como a pergunta era objetiva, não houve justificativas.

Aqui, observamos uma contradição nas repostas dos alunos, quando comparado com as respostas da pergunta (03), pois quando questionamos se os discentes já tinham ouvido falar em gêneros digitais, 41% responderam que sim e 59% disseram que não. Em contrapartida, na pergunta atual, 73% disseram ter conhecimento de tais gêneros digitais, enquanto somente 27% demonstraram desconhecimento. Talvez, foi o fato de ter citado as redes sociais como referência que sucedeu esse aumento significativo, já que as mesmas estão relacionadas ao contexto dos alunos.

É justamente pelo fato dessas redes sociais fazerem parte da realidade de boa parte dos alunos, que o professor deveria adotá-las e aprimorá-las para o contexto educacional. Segundo Ricardo (2014), o uso das plataformas digitais possibilita aos alunos a troca de informações, além de poderem fazer uso dos recursos, como fotos, arquivos, vídeos, áudio, hipertextos, *links*, etc., para planejarem e organizarem os seus trabalhos escolares. No *WhatsApp*, por exemplo, os alunos poderão criar grupos de estudos e compartilhar arquivos, além de poderem tirar suas dúvidas com o professor, o que antes só era possível acontecer em sala, e àqueles alunos mais tímidos, muitas vezes, tinham inquietações, mas por vergonha dos colegas não tinham coragem de perguntar ao professor.

Gráfico 10 – Referente à questão 15



Fonte: Pesquisa (2018).

Perguntamos aos alunos: **Você acha os gêneros digitais importantes para aprimorar as aulas de LP** (Questão 16), a maioria disse que sim, equivalendo a 80%, e apenas 20% responderam que não, pois acham difíceis de serem utilizados (Gráfico 11).

Aluno 03 – “Sim. Porque com os gêneros digitais podemos aprender muito mais”.

Aluno 04 – “Sim, para entender melhor os conteúdos e obter mais informações”.

Aluno 08 – “Sim, porque na maioria das vezes tem coisas da Língua Portuguesa, que no livro não tem.

Aluno 12 – “Sim. Para aprender a escrever”.

Aluno 13 – “Não, porque a pessoa desconcentra ai não aprende nada”.

Aluno 14 – “Sim. Pois é uma forma de ter metodologia diferente”.

Aluno 15 – “Sim, porque ajuda agente a escrever melhor nas redes sociais”.

Aluno 16 – “Não. Porque talvez podem ter palavrões em rede sociais”.

Aluno 20 – “Não, porque a maioria das palavras estão sendo abreviadas, mais vídeos são legais.

Aluno 22 - “Sim. Lá a gente pode usar para assistir vídeo aula, que ajuda muito nas provas.

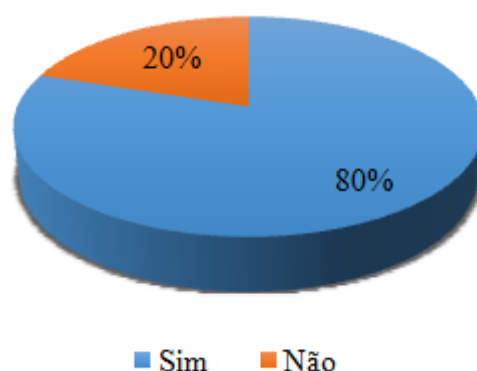
Aluno 25 – “Não, porque não servem para nada”.

Diante dos resultados, concluímos que muitos alunos consideram os gêneros digitais uma boa ferramenta para melhorar o ensino, visto que além de ser uma metodologia diferente do habitual, como pontuado pelo aluno (14), são também vistos como ótimos instrumentos para o trabalho de inclusão de surdos dentro do contexto escolar. Pois, conforme Menezes (2007), os gêneros digitais são os favoritos dos alunos surdos, visto que a diversidade de elementos que são encontrados nos mesmos os ajudam na construção de sentidos. Ainda, segundo a autora, não podemos insistir somente nos métodos tradicionais de ensino, pois, geralmente, o material didático é produzido a partir do pressuposto de que os aprendizes dominam a língua oral, sendo assim, não atingirá as pessoas surdas, desfavorecendo-as e as distanciando no desenvolvimento da aprendizagem. Com referência ao material didático, o aluno (08) salienta que, geralmente, o livro não contempla assuntos importantes e,

possivelmente, estes possam ser vistos através dos gêneros digitais, a partir de vídeo aula, por exemplo, segundo o aluno (22).

Quanto aos que disseram não acharem relevantes, o aluno (20) argumenta seu posicionamento dizendo que nos espaços tecnológicos muitas palavras são abreviadas, e devido a isto, ele não considera os gêneros digitais um bom instrumento didático. No entanto, em se tratando disso não consideramos a abreviação um problema, porém é necessário saber a hora e o lugar correto de fazer uso desse mecanismo. Por isto, cabe ao professor dizer aos alunos que em momentos informais, tal processo é aceitável, porém numa situação formal o adequado é não abreviar, pois “[...] abreviar faz parte de um recurso gráfico para reduzir o espaço ocupado pelas palavras. Por exemplo, é bastante comum abreviar títulos acadêmicos e formas que expressam polidez em memorandos, documentos institucionais [...] nesse caso, abreviar não é erro gramatical!” (KOMESU; TENANI, 2015, P.32).

Gráfico 11 - Referente à questão 16



Fonte: Pesquisa (2018).

Com o intuito de observar se na escola participante da pesquisa, os professores trabalham com os gêneros digitais, interrogamos: **Na escola onde você estuda há a inclusão dos gêneros digitais nas aulas de LP? Se sim, quais?** (Questão 17). Os resultados apontaram de forma unânime que não há esta inserção. E, dentre essas respostas, apenas 04 alunos justificaram o porquê de não estudarem tais gêneros.

Aluno 01 – “Não. Até já estudamos o assunto, porém não houve prática em relação a isso”.

Aluno 03 – “Não. Porque atrapalha nas aulas”.

Aluno 23 – “Não, pois não utilizamos celular nas nossas aulas”.

Aluno 30 – “Não. Porque a escola não oferece recursos para isso”.

Os alunos (23) e (30) indicaram a falta de recursos tecnológicos como justificativa para a falta de inserção de tais gêneros nas aulas de LP. Entretanto, de acordo com a Lei n.º 9.394, de 1996 “[...] a informática constituirá componente curricular obrigatório da grade escolar da educação infantil e do ensino fundamental e médio” (BRASIL apud VALADARES FILHO, 2007, p. 2). Assim sendo, as escolas têm a obrigação de contemplar o computador como ferramenta pedagógica para melhorar a educação, desde o ensino infantil ao ensino médio.

Com o objetivo de saber se os discentes são a favor ou contra a inclusão dos gêneros digitais no contexto escolar, perguntamos: **O trabalho com os gêneros digitais dificulta ou facilita o ensino e a aprendizagem?** (Questão 18) 80% consideraram que facilita, tendo em vista que desperta a curiosidade do discente e o instiga a aprender cada vez mais; 13% não souberam responder com certeza, pois ora diziam que pode facilitar, mas logo em seguida, entraram em contradição e apenas 7% manifestaram rejeição à inclusão dessas novas ferramentas metodológicas (Gráfico 12). Poucos justificaram suas repostas, aqueles que explicaram disseram o seguinte:

Aluno 01 – “Facilita, pois a partir deles pode despertar a curiosidade e com isso, a aprendizagem melhora”.

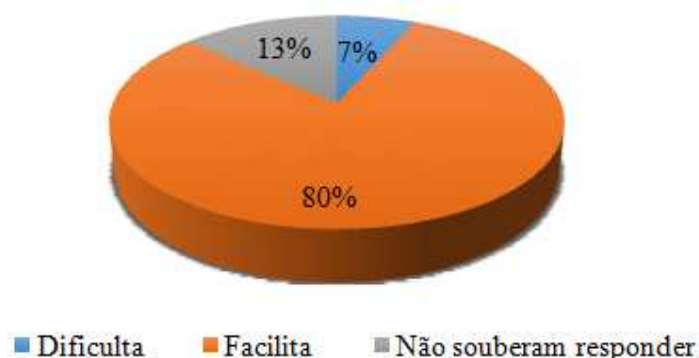
Aluno 03 – “Facilita. Por que os gêneros digitais são muitos e fácil de entender”.

Aluno 08 – “Pra mim melhora, mas as vezes atrapalha”.

Aluno 12 – “Facilita, pois ajuda muito nos trabalhos escolares e na aprendizagem”.

Aluno 23 – “Dificulta um pouco porque podemos viciar mexendo no celular e não estudar”.

Gráfico 12 - Referente à questão 17



Fonte: Pesquisa (2018).

Com relação à pergunta: **Em sua opinião, como os professores deveriam ministrar as aulas de LP?** (Questão 19) 83% responderam que seria interessante que os educadores fizessem uso de outras alternativas, como vídeos, *slides*, filmes, alguns sugeriram a implementação dos gêneros digitais como forma de envolvê-los, tornando a aula mais

interessante. Enquanto 17% disseram que as aulas estão boas da maneira como vêm sendo ministradas (Gráfico 13).

Aluno 02 – “Explicando melhor, dechando as coisas mais claras, ajudando nas atividades e etc”.

Aluno 03 – “Trazer mais vídeo aulas, gêneros digitais, como o facebook e o whatsapp”.

Aluno 08 – “Do jeito que tá está bom, na minha opinião”.

Aluno 14 – “Trazendo outras alternativas, como os gêneros digitais ou filmes”.

Aluno 17 – “Com mais interpretações”.

Aluno 19 – “Não passa prova”.

Aluno 22 – “Eles já fazem do jeito certo”.

Aluno 24 – “Que eles traga outras alternativas”.

Aluno 25 – “Com mais assuntos diferentes, só usando o livro didático é muito chato”.

Alguns alunos mostraram rejeição ao ensino baseado, apenas, no LD, como o aluno (25), pois sabemos que muitos desses materiais não atingem o contexto social e histórico do aluno, e, muitas vezes, são elaborados sem levar em consideração a escolha feita pelos professores, como aponta Tagliani (2009, p. 316):

[...] a escolha do material didático parece fundamental, apesar do descompasso verificado entre as pressuposições do guia e o que é feito pelo professor. Tal descompasso pode estar associado, principalmente, às condições de trabalho da maioria dos professores das escolas públicas brasileiras, em função de uma política governamental que não prioriza a formação e valorização da carreira docente. Percebemos, então, uma contradição entre o que se espera de um processo de escolha de um LD (apresentado pelo guia) e o que se oferece para que o processo tenha validade.

A autora, ainda frisa, que a escolha do material deve priorizar as condições da própria instituição, bem como o projeto pedagógico da escola, além de considerar os aspectos de infraestrutura da escola, pois às vezes os livros contemplam atividades que não são possíveis de serem realizadas devido às circunstâncias do espaço escolar. Dessa forma, os livros didáticos dessa área devem possuir em seu *corpus* uma série de pressupostos teóricos, didáticos e metodológicos capazes de abarcar, se não todas, pelo menos boa parte das peculiaridades da língua. Deve ser elaborado levando em consideração o público-alvo e a própria instituição de ensino. Para Oliveira e Resende (2012), o ensino de LP precisa instigar a reflexão sobre as práticas de linguagem, para que tais conhecimentos auxiliem na construção da competência discursiva dos discentes.

Gráfico 13 - Referente à questão 18



Fonte: Pesquisa (2018).

Para averiguarmos o posicionamento dos discentes com relação aos gêneros digitais, questionamos: **Qual gênero digital você sugere para ser trabalhado em sala de aula?** (Questão 20) 64% responderam que seria significativo utilizar, por exemplo, *memes*, *gifs*, hipertexto, *vlogs*, vídeos e outros; 23% citaram o celular e o computador; 13% disseram o texto (Gráfico 14).

Aluno 05 – “Chat”.

Aluno 08 – “Wlog, blog, não sei se o google também é, mas o Google é bem importante”.

Aluno 10 – “Textos”.

Aluno 11 – “O computador, pois ele é essencial nos dias de hoje”.

Aluno 12 – “O gênero que nos traz as redes sociais, pois principalmente nos dias de hoje, devem ser trabalhados”.

Aluno 16 – “Vlogs, meme, gife, i, hipertexto”.

Aluno 23 – “Seria bom se deixassem a gente mexer no celular”.

Aluno 24 – “Reportagem, meme”.

Aluno 30 – “Seria interessante trabalhar com os textos que tem no facebook”.

Gráfico 14 - Referente à questão 19



Fonte: Pesquisa (2018).

Com base nas respostas, percebemos que alguns alunos indicam as redes sociais para que os professores possam trabalhar alguns gêneros digitais, por exemplo: hipertexto, *vlog*, *gif*, *meme* e outros, principalmente àqueles encontrados no *Facebook*, de acordo com o aluno (30).

Diante do exposto acima, concluímos que professores e alunos consideram significativa a inserção dos gêneros digitais nas aulas de língua materna, uma vez que são vistos como ferramenta contemporânea, portanto, ligados ao contexto histórico, social e cultural do público alvo, isto é, dos alunos. Por essa razão, é fundamental que as instituições escolares, principalmente àquelas mais tradicionais, revejam seus posicionamentos quanto a não aceitação de tais instrumentos, tendo em vista que não podemos desconsiderar que estamos inseridos em um cenário moderno e tecnológico.

Considerando a importância dos gêneros digitais no contexto escolar, bem como a familiaridade de muitos alunos com os mesmos, elaboramos uma proposta didático-metodológica utilizando-se do gênero hipertexto com o objetivo de fornecer aos professores de LP uma proposta, na qual os educadores poderão se basear para trabalhar os seguintes conteúdos gramaticais: os processos de coesão e coerência e os sinais de pontuação. Indicamos também as redes sociais, em especial, o *Facebook*, para que os alunos exercitem suas práticas de leitura com base na diversidade de gêneros que se perpetuam neste meio. Por fim, propusemos a utilização do *PowerPoint*, para que os alunos possam criar um hipertexto e percebam as várias semioses que compõem o gênero, bem como exercitem a escrita por meio da produção textual. Para tanto, tomamos como base as orientações de Schneuwly, Dolz, Noverraz (2004) e Gomes (2011).

4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: APLICAÇÃO DO HIPERTEXTO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Área: Código e Linguagem
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 9º ano

1. CONTEÚDOS

- Coesão e coerência
- Pontuação

2. OBJETIVOS

- Entender as particularidades do hipertexto e sua relevância para o ato da leitura;
- Compreender a importância dos processos de coesão e de coerência no texto;
- Estudar a pontuação e perceber os efeitos de sentido decorridos da ausência da mesma;
- Praticar a escrita com base no poema e no hipertexto.

3. RECURSOS

<ul style="list-style-type: none">• <i>Datashow e notebook</i>• <i>Sites</i>• <i>Pendrive</i>• <i>Computador</i>• <i>Celular ou tablet</i>• <i>Imagens</i>• <i>Vídeos</i>• <i>Gifs</i>• <i>Memes</i>	<ul style="list-style-type: none">• <i>Notícias</i>• <i>Imagens</i>• <i>Poemas</i>• <i>Letra de músicas</i>• <i>Anúncios publicitários.</i>• <i>Links</i>• <i>PowerPoint</i>• <i>Laboratório de informática</i>• <i>Internet</i>
--	--

4. DESENVOLVIMENTO

1º módulo – Apresentação do tema

Levando em consideração que os alunos já estudaram os gêneros textuais em anos anteriores, pergunte se já ouviram falar nos gêneros digitais. Dê alguns exemplos, mostrando o que caracteriza tais gêneros. Em seguida, apresente o hipertexto, explicando suas particularidades: *links*, *hiperlinks*, leitura não-sequencial, etc. Utilize o projetor de *slides* para mostrar aos alunos alguns exemplos. Aproveite o momento para relembrar alguns conteúdos já vistos em anos anteriores: processos de coesão e de coerência e os sinais de pontuação. Fale sobre os mecanismos que são necessários para que um texto apresente coesão: o processo de substituição e os conectores (preposições, conjunções, advérbios, etc.). Diga que a coerência está atrelada ao significado do texto, já a coesão são os elementos do texto que estabelecem uma ligação entre os termos. Para tanto, mostre os mesmos exemplos utilizados anteriormente, porém dessa vez sem os sinais de pontuação e sem os elementos linguísticos coesivos. Observe se os discentes tiveram dificuldade para lê-los e compreendê-los. Em seguida, retorne ao texto original e explique o porquê da utilização de cada sinal de pontuação, bem como dos elementos de coesão.

2º módulo – Aprofundando os conteúdos gramaticais

Leve, novamente, outro texto sem conectores e com ausência de pontuação e peça para que os alunos os coloquem da maneira como acharem correto. Em seguida, faça a correção. Para isso, peça aos alunos para irem ao quadro colocarem suas respostas. Caso tenha ocorrido muitos equívocos, revise o conteúdo novamente. Ao final da aula, volte a falar do gênero principal desta sequência: o hipertexto. Peça aos discentes para pesquisarem, em casa, um pouco mais sobre o gênero em estudo. Dê sugestões de sites onde possam encontrá-lo. Solicite que tragam o que acharem sobre o hipertexto para discutirem na próxima aula. Caso os alunos não tenham acesso à *internet*, diga para salvarem o material encontrado no *pen-drive* (àqueles que tiverem computador), os que não tiverem, podem levar no celular ou no *tablet*.

Obs.: Professor(a), elabore um quadro com os conectores cabíveis ao texto e com os sinais de pontuação, para auxiliar os alunos durante a atividade.

3º módulo – Estudando o hipertexto

Iniciar a aula perguntando aos alunos se fizeram a pesquisa, o que acharam, etc. Em seguida, fazer uma roda de conversa e pedir aos discentes para exporem o material. Realizar perguntas do tipo: Qual a diferença desses materiais para os gêneros comuns que vocês já estudaram? Qual leitura é mais fácil de ser feita? A presença de *links*, imagens, vídeos, gráficos, entre outros elementos ajuda ou dificulta a compreensão? Os textos lidos apresentam coesão e coerência? Por quê? Aproveite o momento para aprofundar uma das características do hipertexto: a leitura não-linear. Utilizar o *datashow* para mostrar os caminhos que o aluno pode seguir no ato da leitura, sem ser preciso seguir uma ordem pré-estabelecida.

Obs.: Professor(a), faça recortes de alguns gêneros encontrados no *Facebook* para serem estudados no próximo encontro.

4º módulo – Observando alguns gêneros do *Facebook*

Mostrar aos alunos a diversidade de gêneros textuais e digitais que perpetuam no *Facebook*, como *gifs*, *memes*, notícias, imagens, poemas, letra de músicas, anúncios publicitários. Fazer uma leitura coletiva dos principais gêneros. Pergunte se compreenderam o sentido, os propósitos comunicativos, a situacionalidade e a intencionalidade de cada um. Em seguida, escolher com a turma um dos gêneros vistos para, posteriormente, adicionarem ao mesmo: imagens, vídeos, *links*, transformando-o num hipertexto.

Sugestão: *Diversidade*, de Bráulio Bessa

5º módulo – Estudando a estrutura do poema

Tendo em vista que o gênero escolhido foi o poema *Diversidade*, encontrado no *Facebook*, mostre aos discentes as principais características do mesmo, como os versos, as estrofes, a musicalidade e as rimas. Professor(a), dedique este momento para tal atividade, pois são muitas características que precisam ser exploradas. Ao término da aula, diga aos alunos que o próximo encontro será no Laboratório de informática (haja vista que precisarão de internet para realizar tal tarefa).

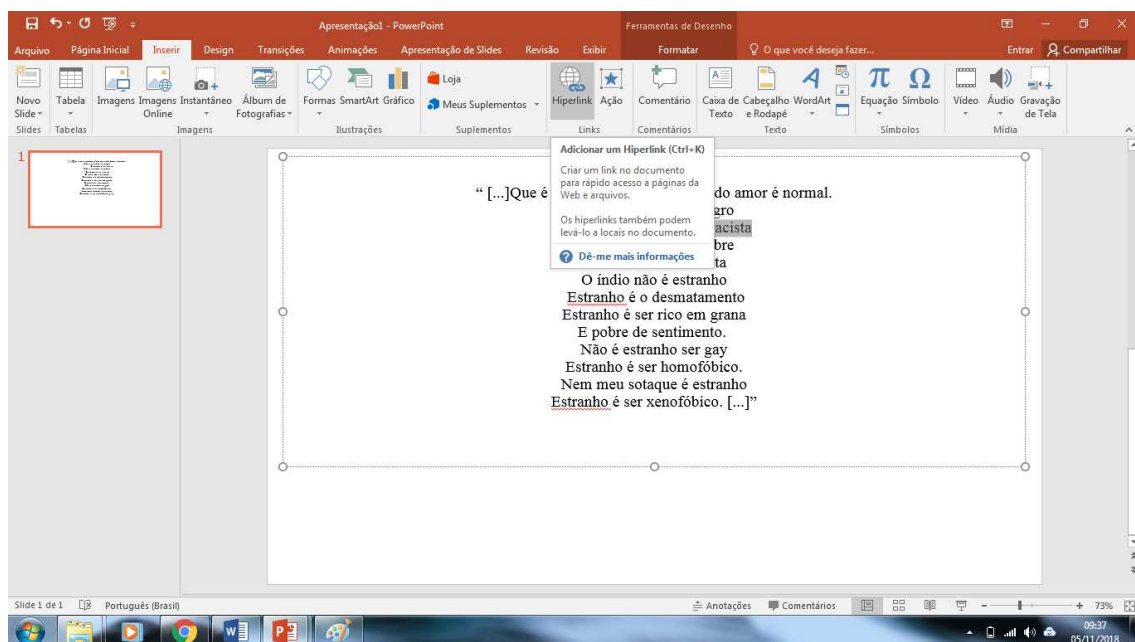
6º módulo – Criação do hipertexto: discentes e professor(a)

Leve a turma ao laboratório. Em seguida, envie-lhes o material e explique como se dará a atividade. Peça para que abram o *PowerPoint*, pois irão utilizá-lo para o processo de

criação do hipertexto. Diga aos alunos que coloquem no poema *Diversidade*, de Bráulio Bessa (Anexo 1). Em seguida, fazer a leitura. Depois, sugerimos que escolham apenas alguns versos para que possam fazer a atividade. Indicamos do verso 23 ao 35. Apontamos tais versos, para que posteriormente os alunos possam fazer uma atividade escrita com base nos *hiperlinks* que serão colocados no corpo do texto, pois são palavras, que talvez, não conheçam o significado. Seguir os passos abaixo:

1. Com o *PowerPoint* aberto, copie e cole os versos 23 ao 25. Formate o corpo do texto de maneira que fique visível a leitura do mesmo.
2. Separe as palavras que possam ser desconhecidas para os discentes (racista, eletista, homofóbico, xenofóbico). Em seguida, selecione as palavras escolhidas, de uma por uma, vá na aba *Inserir* e clique em *Hiperlink*, como na imagem a seguir:

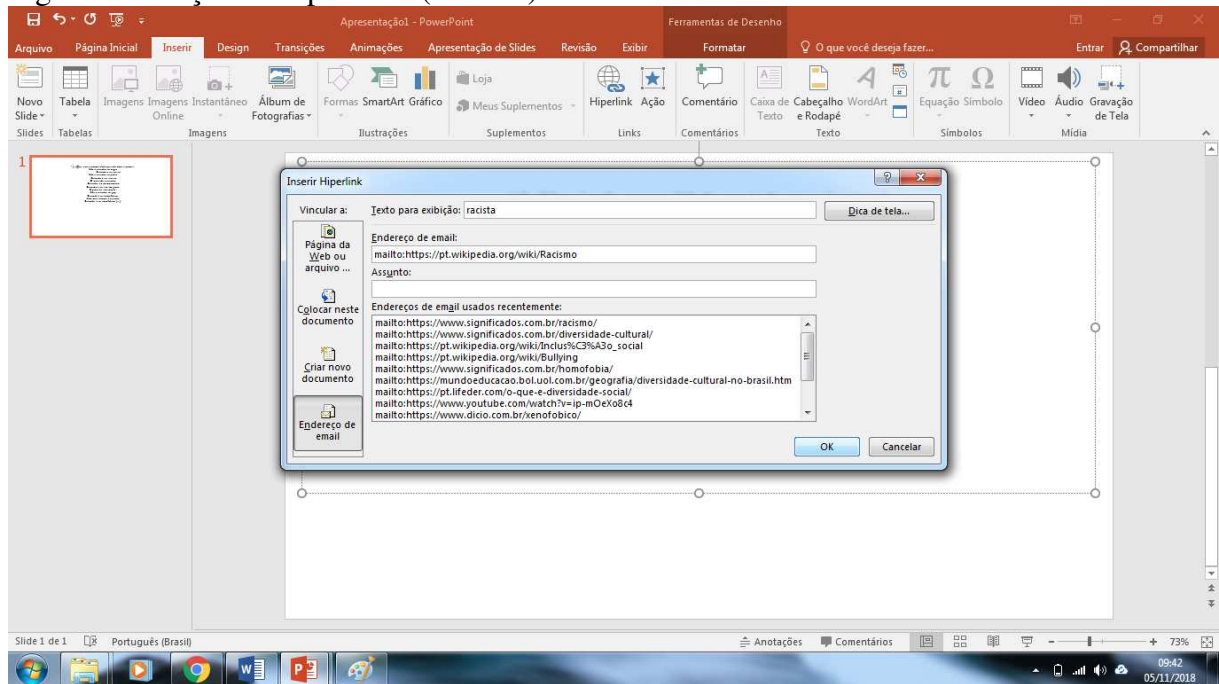
Figura 2- Criação do hipertexto (Passo 1)



Fonte: Pesquisa (2018).

Feito isso, pesquise no Google uma definição para a palavra selecionada e copie o *link* do site que você encontrou tal definição na janela que abrirá na aba *Hiperlink*, conforme será mostrado na imagem abaixo:

Figura 3- Criação do hipertexto (Passo 2)

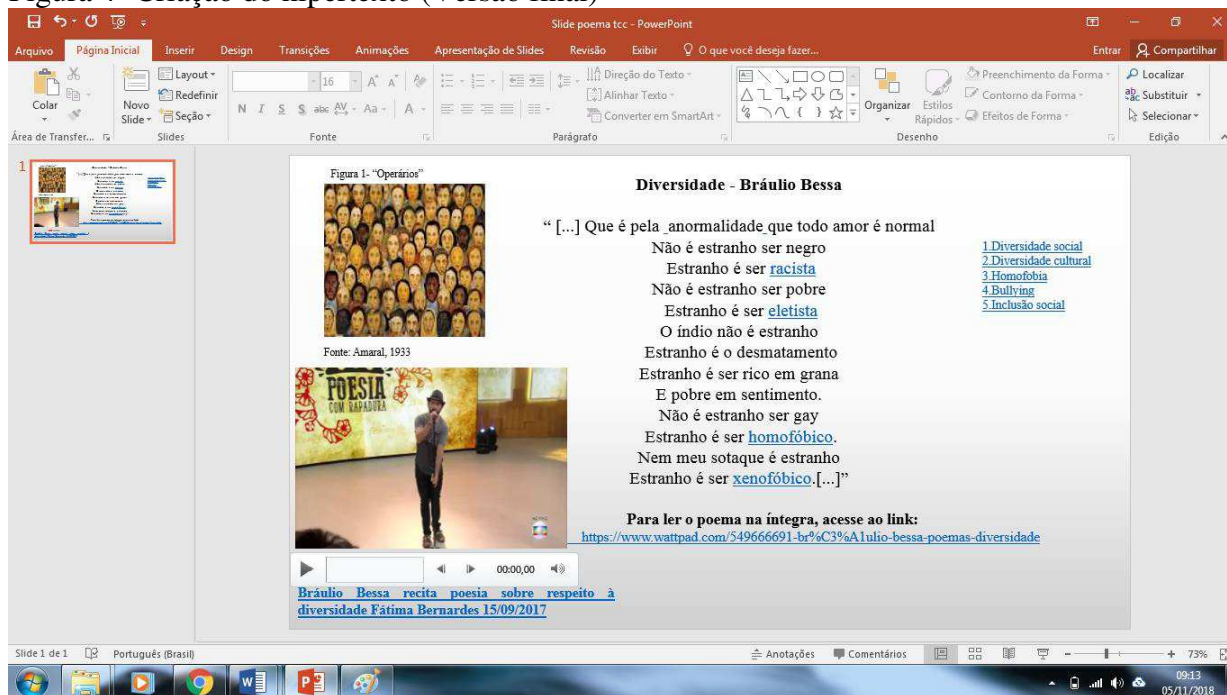


Fonte: Pesquisa (2018).

Depois, clique em OK. Faça isso com as demais palavras escolhidas.

3. Procure na *internet* algumas definições para o termo “diversidade”, para mostrar aos alunos que o hipertexto nos dá a possibilidade de seguir outras leituras, caso queiramos ampliar nossos conhecimentos acerca da temática. Por exemplo, pesquise sobre: diversidade social, diversidade cultural, homofobia, *bullying* e inclusão social. Coloque os termos no canto da página.
4. Procure uma ou mais imagens relacionadas à temática e as insira na página.
5. Baixe um vídeo do *YouTube* e o posicione abaixo do poema. Em seguida, coloque o *link* do mesmo na íntegra, já que utilizarão apenas alguns versos. Feito isso, a página deverá ficar, mais ou menos, como no exemplo abaixo:

Figura 4- Criação do hipertexto (Versão final)



Fonte: Pesquisa (2018).

7º módulo – Produção escrita

Agora é o momento de trabalhar a escrita, para isto utilize os termos que foram hiperlinkados no poema. Como foram apenas quatro palavras, dividir a turma em quatro grupos e faça o sorteio dos termos. Feito isso, monte uma roda de conversa e pergunte aos alunos os seus conhecimentos prévios sobre as temáticas. Terminada as discussões, peça para cada equipe elaborar um poema sobre o assunto, tendo em vista que já estudaram tal gênero e conhecem suas particularidades. Diga aos alunos que prestem atenção na escrita e atente para os sinais de pontuação e os processos e coesão e coerência. Solicite também que baixem vídeos, imagens, *memes*, tudo o que acharem acerca do tema e tragam no próximo encontro.

8º módulo - Produção inicial

Agora é o momento dos alunos aplicarem seus conhecimentos por meio da produção textual solicitada no sexto encontro. Divida os grupos, para que façam a atividade. Solicite aos mesmos que tragam na próxima aula o poema digitado, bem como os vídeos, os *memes*, as imagens etc..

9º módulo - Analisando a primeira produção

Professor(a), verifique como foi a elaboração do poema, averigue se os discentes não fugiram da temática, analise as fontes e a estrutura do gênero, como: a métrica, a rima, a

sonoridade, as figuras de linguagem e outros. Além disso, observe se o gênero obedece à organização estrutural adequada.

10º módulo - Revisão linguística

Antes dos alunos montarem seus hipertextos, faça uma revisão linguística de suas produções, e observe se os alunos empregaram a pontuação devidamente, se o poema apresenta coesão e coerência, entre outros aspectos lexicais que devem ser verificados atentamente.

Obs.: Professor(a), caso os alunos tenham cometido muitos desvios com relação aos aspectos analisados, ceda algumas aulas para que os mesmos possam ser trabalhados atentamente.

11º módulo - Criando o hipertexto tomando como base o poema

Leve os alunos para a sala de informática, tendo em vista que precisarão do computador para realizar a tarefa. Nesse momento, os discentes farão o que vocês fizeram no quinto encontro, e você, professor(a), deverá auxiliá-los sempre que necessário. Alerta-os para que tenham atenção, compromisso e dedicação no momento de efetivarem a atividade, pois, posteriormente, irão apresentar seus trabalhos para as demais turmas, já que as temáticas são pertinentes ao contexto escolar, e é importante que os alunos compreendam a seriedade desses assuntos.

Obs.: Diga aos alunos que assim como fizeram com o poema de Bráulio Bessa, deverão escolher apenas algumas partes de seus poemas para montarem seus hipertextos.

12º módulo - Revisão da atividade feita pelos alunos

Esse é o momento de verificar se os discentes souberam produzir o hipertexto, se adicionaram imagens e vídeos pertinentes às suas temáticas, se conseguiram colocar os *hyperlinks* nas palavras, etc. Caso perceba que eles não introduziram as ferramentas de maneira adequada, dê sugestões de como melhorar.

13º módulo - Produção final

Terminadas as alterações, reveja mais uma vez e diga aos alunos que no próximo encontro, eles irão expor seus hipertextos para as outras turmas. Explique como deverá ser a

exposição e solicite que tragam suas produções na íntegra para serem lidas antes da apresentação, fazendo com que os demais alunos possam acompanhar.

Exposição

É o momento dos discentes exporem seus hipertextos e discutirem a temática de cada um para os demais, tendo em vista que, muitas vezes, são deixados de lado ou quando mencionados, não são tratados de maneira devida. Exponha, também, os vídeos que foram utilizados na criação do hipertexto.

Avaliação

No que diz respeito ao método de avaliação, os seguintes pontos serão levados em consideração: inicialmente, a participação dos discentes durante as aulas. Posteriormente, com a realização da atividade de criação do hipertexto e exposição do mesmo.

5 CONCLUSÃO

Diante das reflexões acima, evidenciamos a necessidade da inclusão dos gêneros digitais nas aulas de LP, em especial do hipertexto, como forma de aproximar o ensino ao contexto tecnológico no qual boa parte dos alunos está inserido, levando em consideração que não podemos fechar os olhos para o novo e desconsiderar tais recursos que são tão relevantes para aprimorar o ensino. É necessário que haja investimentos nas escolas, no que diz respeito aos recursos tecnológicos, por exemplo, é importante a ampliação e, principalmente, a utilização dos laboratórios de informática. Assim, a abordagem dos gêneros digitais acontecerá de maneira eficaz, tendo em vista que apenas o manual didático não tem sido suficiente para dar conta desta inclusão, apesar de muitos livros já contemplarem tal conteúdo, ainda sim, há a necessidade de que o trabalho ocorra na prática.

Apesar de o aporte teórico explicitar que são muitos os desafios enfrentados pelos professores no tocante à inclusão dos gêneros digitais nas escolas, seja por restrição das instituições, seja pela falta de recursos, ou pelo despreparo de alguns docentes, sabemos da pertinência que tal conteúdo tem dentro do contexto escolar, uma vez que como já dito outrora, os alunos se sentem instigados e interessados quando veem algo contemporâneo.

No que diz respeito à falta de habilidade de alguns educadores com os recursos tecnológicos, apontamos como solução os cursos de formação continuada, os quais são oferecidos gratuitamente, além de tudo, muitos podem ser realizados *online*, favorecendo àqueles que, por alguma razão, acham-se impossibilitados de frequentarem um presencial. Tais cursos auxiliam o professor e os instruem a como levarem determinados conteúdos para a sala de aula, oportunizando-os desenvolverem habilidades em determinada área do conhecimento. Daí a relevância daqueles que pretendem abordar os gêneros digitais nas aulas de LP e não sabem como proceder, dedicarem-se a tais cursos.

É fundamental um currículo de LP pensado nessas questões. Por isto, o docente deve estar preparado para desempenhar sua prática abordando tais enfoques, na tentativa de desconstruir certas barreiras impostas, muitas vezes, pelas escolas e pelos próprios educadores. Estes devem assumir uma postura crítica e reflexiva de sua prática educativa diante da realidade, para que possamos buscar uma educação de qualidade e um aprendizado significativo.

Em relação aos resultados dos alunos, podemos dizer que foram equivalentes à hipótese, pois apesar de alguns discentes terem se mostrado em objeção à inserção dos gêneros digitais em sala de aula, a maioria os veem de forma favorável, para que tenhamos

um avanço no ensino. Além disso, constatamos que os alunos sabem o que são gêneros digitais, alguns até sugeriram o hipertexto como exemplo para ser trabalhado. Uma minoria mostrou desinteresse, fundamentando suas opiniões, talvez, em respostas formuladas por outras pessoas, quando disseram que o trabalho com os gêneros digitais pode dificultar o ensino, uma vez que muitos alunos deixarão de estudar por ficarem dispersos na *internet*. Quanto a essa preocupação, há uma solução, pois é possível criar uma senha de bloqueio no sistema da instituição, e assim, os alunos só poderão acessar a *internet* para fins escolares.

Quanto aos resultados dos professores, estes, assim como os dos discentes, foram similares à hipótese, tendo em vista que as educadoras mostraram interesse pela temática. Apesar de maior parte ter dito não utilizar, justificando que a escola não dispõe de sala de informática, como relatou a professora (03), observamos que este assunto é significativo aos olhos das já citadas. Houve apenas um momento de rejeição, na questão 6, quando a professora (01) ressaltou que a *internet* em ambiente escolar não é adequada para tal atividade. Porém, a educadora mostrou-se contraditória, já que na questão posterior afirmou achar pertinente, defendendo que o uso da *internet* pode melhorar os processos de leitura e escrita.

Assim sendo, consideramos o hipertexto uma ferramenta fundamental para o processo de ensino e de aprendizagem nas escolas, pelo fato do mesmo possibilitar tanto aos professores quanto aos alunos uma nova visão de leitura e também de escrita. Além disso, o hipertexto pode auxiliar os leitores no momento da compreensão textual, já que a presença dos *links* oportuniza uma sucessão de significados e, conseqüentemente múltiplos significados ao texto. Pois, conforme a escolha dos *links*, podemos estabelecer associações semânticas, ou seja, implicações baseadas nos sentidos das palavras, podendo, assim, aprofundar nossas leituras acerca de alguma temática e obter informações mais específicas.

REFERÊNCIAS

- ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa. A vivência da Língua Portuguesa no ensino fundamental. In: _____. ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa; LEITE, Jan Edson Rodrigues. **Linguagens: usos e reflexões**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010. p. 299-311.
- ALVAREZ, Ana Graziela.; DAL SASSO, Grace Teresinha Marcon. Objetos virtuais de aprendizagem: contribuições para o processo de aprendizagem em saúde e enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 24, n.05, p. 707-711, 2011.
- ANTUNES, Irandé. Textualidade e gêneros textuais. In: _____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 49-61.
- AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara. Um Resgate Histórico do Hipertexto: O desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da Web e o retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes. **404nOtFound** (UFBA), v. 1, p. 1-10, 2006.
- ARAÚJO, Gisele Santos. **O ambiente virtual de aprendizagem moodle como espaço multimodal de ensino de língua portuguesa**. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Distrito Federal – DF, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24122/1/2016_GizeleSantosdeAra%C3%BAjo.pdf> Acesso em: 05 maio. 2018
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Tradução de Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- _____. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- BALTAR, Marcos. **Rádio Escolar: uma experiência de letramento midiático**. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARCELOS, Renata da Silva de. O uso da tecnologia na aula de Língua Portuguesa. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p.135-142, ago. 2015.
- BIASI-RODRIGUES, Bernardete; ARAÚJO, Júlio César; SOUSA, Socorro Cláudia Tavares. **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BONACIN, Ligiane Aparecida; MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. **Gêneros da internet e cursos de formação continuada para professores de língua portuguesa**. Universidade Estadual de Londrina, Paraná – PR, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/ligianeabonacin.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Banco Internacional de Objetos Educacionais**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/staticpages?t=0>> Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. Ministério da Saúde. **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_encep2012.pdf> Acesso em: 16 jul. 2018.

_____. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601anexo-texto-bncc-reexportado-pdf2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Chizzotti, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de educação**, Universidade do Minho, Braga, Portugal, v. 16, n.2, p. 221-236, 2003. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa_Qualitativa_em_Ciencias_Sociais_e_Humanas_-_Evolucoes_e_Desafios_1_.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018

GOMES, Luiz Fernando. Tipos de links. In: _____. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 31- 42.

GUALBERTO, Ilza Maria Tavares. **A influência dos hiperlinks na leitura de hipertexto enciclopédico digital**. 2008. 202 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-7LXPBA/321d.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

_____. Os hiperlinks e o desafio das conexões em hipertexto enciclopédico digital. In: _____. COSCARELLI, Carla Viana. **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 37- 66.

KOMESU, Fabiana.; TENANI, Luciani. Escrita e internetês: o caso das abreviaturas. In: _____. **O internetês na escola**. São Paulo: Cortez, 2015. p.31- 41.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. In: _____. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p.155-171.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o Futuro do Pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 13. ed. São Paulo: Editora 34, 2004. Disponível em: < <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%Aancia.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018

LOBO, A. S. M.; MAIA, L. C. G. O uso das TICs como ferramenta de ensino-aprendizagem no Ensino Superior. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.25, n.44, p. 16-26, 2015.

MARCUSCHI, Beth. Escrevendo na escola para a vida. In: _____. Edgon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo. **Língua Portuguesa**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 65-84.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, Pelotas - Rio Grande do Sul, v. 4, n. 1, p.79-111, jan./jul. 2001. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/hipertexto_como_novo_espaco.pdf >. Acesso em: 15 jul. 2018

_____. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: _____. DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____. Gêneros textuais: Configuração, dinamicidade e circulação. In: _____. KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005, p.17-33.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____. MARCUSCHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-80.

MARTINS, Claudiane Maciel da Rocha. Gêneros digitais no livro didático de Língua Portuguesa: uma presença possível. In: Congresso Nacional de Educação, II, 2015, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA15_ID1927_06082015211634.pdf>. Acesso em: abri. 2018

MARQUES, Dicléia de Queiroz Cassiano. Blog: novas tecnologias no ensino de língua portuguesa. In: _____. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor**. Paraná: Caderno PDE, 2014. p. 1-15. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-paranavai_port_artigo_dicleia_de_queiroz_cassiano_marques.pdf>. Acesso em: abri. 2018.

MENEZES, Denise Costa. **Letramento em comunidade de surdos**. 2007. 161f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife – RE, 2007. Disponível em: http://www.unicap.br/tedeprof/tde_arquivos/19/TDE-2007-06-21T091152Z-22/Publico/Denise%20Menezes_confrontado.pdf. Acesso em: 01 nov. 2018.

OLIVEIRA, Marília de Carvalho Caetano; RESENDE, José Antônio Oliveira. **Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem das práticas avaliativas e do livro didático**. Minas Gerais, v.2, n. 1, p. 1-14, 2012.

PRIETO, Sandra. A importância dos gêneros digitais na escola. **Revista de Sistemas, Cibernética e Informática**, Estados Unidos, v. 13, n.3, p. 43- 48, jul. 2016. Disponível em: < [http://www.iiisci.org/journal/CV\\$/risci/pdfs/CB844PO14.pdf](http://www.iiisci.org/journal/CV$/risci/pdfs/CB844PO14.pdf) >. Acesso em: 16 abr. 2018.

RICARDO, Wuilton de Paiva. O uso das redes sociais no ensino de língua materna: extrapolando as paredes da escola. **Revista Gatilho**, Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, v. IX, n.17, p. 1-12, maio 2014. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2014/05/ricardo-2014.pdf>. Acesso em: 29 out. 2018.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Alfabetização e letramentos múltiplos: Como alfabetizar letrando? In: _____. RANGEL, Edgon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010. p. 15-36.

ROJO, Roxane. Helena Rodrigues.; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROLLI, Claudia. **Escolas desconhecem lei que determina ensino de educação digital**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/05/1624829-escolas-desconhecem-lei-que-determina-ensino-de-educacao-digital.shtml>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

SANTOS, Nirceu Vidal dos. A Plataforma Moodle como Ferramenta Pedagógica de Apoio ao Professor no Ensino de Língua Portuguesa. In: _____. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor**. Paraná: Caderno PDE, 2014, p. 1-18.

SHINTAKU, Milton. **Banco Internacional de Objetos Educacionais – BIOE**. Disponível em: <<http://2014.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/421/749.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

SILVA, Cláudia Lais Costa. O uso dos gêneros digitais na sala de aula. In: 1º Simpósio de Educação e Comunicação, I, 2010, Aracaju – SE. **Anais eletrônicos...** Disponível em: < http://geces.com.br/simposio/anais/wp-content/uploads/2014/04/GENEROS_DIGITAIS.pdf >. Acesso em: 25 maio 2018.

TAGLIANI, Dulce Cassol. O processo de escolha do livro didático de língua portuguesa. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 303-320, maio/ago. 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n2/05.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2008.

TIMM, Maria Isabel; SCHNAID, Fernando; ZARO, Milton Antônio. Contexto histórico e reflexões sobre hipertextos, hiperídia e sua influência na cultura e no ensino do século XXI. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Rio Grande do Sul, v.2, n.1, p.1-16, mar. 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/DANIELLY%20E%20DANILLY/Downloads/13669-48290-1-PB.pdf >. Acesso em: 28 maio 2018.

VALADARES FILHO. **Projeto de Lei Nº 1.561, de 2007**. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=7EC72B7278717810BD855E6F43D4C68A.node2?codteor=490108&filename=Avulso+-PL+1561/2007. Acesso em: 20 ago. 2018.

VICTOR, Mikeias. **Diversidade**. Disponível em: <<https://www.wattpad.com/549666691-br%C3%A1lulio-bessa-poemas-diversidade>>. Acesso em: 13 nov.2018.

VOESE, Ingo. Análise do discurso: uma proposta. In: _____. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 105-125.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: _____. MARCUSHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.

ZAVAM, Áurea; ARAÚJO, Nukácia. Gêneros escritos e ensino. In: PONTES, Antônio Luciano; COSTA, Maria Aurora Rocha (Org.). **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição para o professor**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008, p. 7-18.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário direcionado aos professores

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Ano: _____

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PROFESSORES

1. Fale um pouco sobre sua formação escolar ou acadêmica.

2. Quantos anos faz que ensina português?

3. Utiliza livro didático? Qual? De que modo a proposta do ensino de Língua Portuguesa é apresentada no livro didático adotado?

4. Você faz uso dos gêneros textuais em suas aulas?

5. Qual a sua opinião em relação às novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) voltadas para o ensino de Língua Portuguesa?

6. Utiliza os gêneros digitais em suas aulas?

Sim () Não ()

Justifique sua resposta.

7. Qual sua opinião sobre a inclusão dos gêneros digitais para o aprimoramento das aulas de Língua Portuguesa?

8. Quais os principais desafios enfrentados pelos professores de Língua Portuguesa, no que diz respeito à inserção dos gêneros digitais em sala de aula?

9. Você participou de alguma formação continuada que tratasse dos gêneros digitais voltados para o ensino? Se sim, quais?

10. Gostaria de fazer algum outro comentário sobre sua prática docente?

APÊNDICE B – Questionário direcionado aos alunos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Ano: _____

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ALUNOS

1. O que você acha do ensino de Língua Portuguesa?

2. O que são gêneros textuais?

3. Já ouviu falar em gêneros digitais? Se sim, quais?

4. Você se interessa pelas aulas de Língua Portuguesa?

Sim () Não ()

Justifique sua resposta.

5. Você sabia que os textos que circulam nas redes sociais, como o *Facebook* e o *WhatsApp*, são exemplos de gêneros textuais ou digitais?

Sim () Não ()

6. Você acha que os gêneros digitais são importantes para aprimorar as aulas de Língua Portuguesa? Justifique sua resposta.

7. Na escola onde você estuda há a inclusão dos gêneros digitais nas aulas de Língua Portuguesa? Se sim, quais?

8. Em sua opinião, o trabalho com os gêneros digitais dificulta ou facilita o ensino e a aprendizagem?

9. Em sua opinião, como os professores deveriam ministrar as aulas de Língua Portuguesa?

10. Qual gênero digital você sugere para ser trabalhado em sala de aula?

ANEXOS

Anexo A – Declaração de aprovação do Projeto no Comitê de Ética em Pesquisa

UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: HIPERTEXTO COMO SUBSÍDIO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Pesquisador: FATIMA MARIA ELIAS RAMOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 91728218.7.0000.5575

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.786.403

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa proposto busca evidenciar a importância de os educadores trabalharem com o gênero hipertexto no ensino fundamental, como também explicitar as opiniões dos professores, no que diz respeito ao ensino dos gêneros digitais em sala de aula. Serão aplicados questionários aos alunos da turma que desejarem participar voluntariamente e que apresentarem anuência (assinatura do TCLE) pelos pais ou responsáveis, e aos professores da respectiva área. A pesquisa será realizada em uma Escola da Rede Estadual de São João do Rio do Peixe – PB. Por fim, será proposta uma sequência didática para os professores trabalharem com os gêneros digitais nas aulas de língua portuguesa.

Objetivo da Pesquisa:

Evidenciar a importância dos educadores trabalharem com o gênero hipertexto no ensino fundamental II.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o TCLE e TALE propostos, poderá haver desconforto em compartilhar informações pessoais ou confidenciais, ou em alguns tópicos que possa se sentir incômodo em falar. Como medida mitigadora, o sujeito da pesquisa não precisa responder a qualquer pergunta, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar. Os benefícios da pesquisa serão: potencializar os processos de construção do conhecimento referentes à área de Língua

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

**UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE**



Continuação do Parecer: 2.786.403

Portuguesa, no Ensino Fundamental II, possibilitando uma problematização e redimensionalização no ensino da área, na respectiva escola. Neste sentido, avalio que os riscos da pesquisa são mínimos e que não acarretarão danos significativos, morais e éticos, aos participantes envolvidos. Além disto, os benefícios esperados justificam os riscos e contribuirão de forma significativa nos estudos acerca do tema da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O tema da pesquisa é atual e pertinente, se mostrando de grande relevância. O cronograma do projeto proposto está coerente, visto que respeitou a condição de sua aprovação no CEP / UFCG.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos apresentados pelo proponente cumpriram as exigências do Conselho Nacional de Saúde (CNS), de acordo com as resoluções n. 466/2012 e n. 510/2016, a qual estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos. Foram apresentados o projeto na íntegra, as informações básicas do projeto, a folha de rosto, o orçamento, o cronograma, o termo de anuência da instituição envolvida, o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o termo de assentimento livre e esclarecido (TALE) o termo de divulgação de resultados e o termo de compromisso dos pesquisadores envolvidos.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Informo que meu parecer é favorável, salvo melhor juízo deste comitê, à aprovação do projeto proposto: HIPERTEXTO COMO SUBSÍDIO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1158656.pdf	19/06/2018 09:04:16		Aceito
Outros	tale.pdf	19/06/2018 08:50:30	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	19/06/2018 08:49:40	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

**UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE**



Continuação do Parecer: 2.786.403

Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	15/06/2018 14:46:30	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito
Outros	Instrumento.pdf	14/06/2018 09:21:54	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito
Outros	divulgacao.pdf	14/06/2018 09:19:59	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito
Outros	anuencia.pdf	14/06/2018 09:15:58	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	pesquisadoras.pdf	14/06/2018 09:14:44	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	14/06/2018 09:14:29	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	14/06/2018 09:14:07	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	14/06/2018 09:13:48	FATIMA MARIA ELIAS RAMOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAJAZEIRAS, 26 de Julho de 2018

Paulo Roberto de Medeiros

Assinado por:
Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador)

Paulo Roberto de Medeiros
Coordenador
CEP/CFP/UFCG

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

Anexo B – Poema Diversidade

(Bráulio Bessa)

Seja menos preconceito
 Seja mais amor no peito
 Seja Amor, seja muito mais amor
 E se mesmo assim for difícil ser
 Não precisa ser perfeito
 Se não der pra ser amor
 Seja pelo menos respeito

Há quem nasceu pra julgar
 E há quem nasceu pra amar
 E é tão simples entender
 Em qual lado a gente está
 E o lado certo é amar

Amar para respeitar
 Amar para tolerar
 Amar para compreender
 Que ninguém tem o dever
 De ser igual a você

O amor meu povo,
 O amor é a própria cura, remédio pra qualquer mal
 Cura o amado e quem ama
 O diferente e o igual
 Talvez seja essa a verdade
 Que é pela anormalidade que todo amor é normal.
 Não é estranho ser negro
 Estranho é ser racista
 Não é estranho ser pobre
 Estranho é ser eletista

O índio não é estranho
 Estranho é o desmatamento
 Estranho é ser rico em grana
 E pobre de sentimento.

Não é estranho ser gay
 Estranho é ser homofóbico.
 Nem meu sotaque é estranho
 Estranho é ser xenofóbico.

Meu corpo não é estranho
 Estranho é a escravidão
 Que aprisiona seus olhos
 Nas grades de um padrão.

Minha fé não é estranha
 Estranha é a acusação

Que acusa inclusive
Quem não tem religião.

O mundo sim é estranho
Com tanta diversidade
Ainda não aprendeu
A viver em igualdade.

Entender que nós estamos percorrendo a mesma estrada
Pretos, brancos, coloridos em uma só caminhada

Não carece divisão por raça, religião nem por sotaque, oxente!
Sejam homem ou mulher, você só é o que é por também ser diferente.

Por isso minha poesia, que sai aqui do meu peito
Diz aqui que a diferença nunca foi nenhum defeito
Eu reforço esse clamor, se não der pra ser amor
Que seja ao menos **RESPEITO.**